



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**  
**PEDAGOGIA**

**SABRINA RODRIGUES SILVEIRA**

**PAULO FREIRE, UM MITO MODERNO SOBRE A JORNADA DO HERÓI: UMA  
ANÁLISE DA VIDA DO EDUCADOR PERNAMBUCANO A PARTIR DA OBRA DE  
CAMPBELL**

Rio de Janeiro

2021

Sabrina Rodrigues Silveira

PAULO FREIRE, UM MITO MODERNO SOBRE A JORNADA DO HERÓI: UMA  
ANÁLISE DA VIDA DO EDUCADOR PERNAMBUCANO A PARTIR DA OBRA DE  
CAMPBELL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Faculdade de Educação da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Reuber Scofano

Rio de Janeiro

2021

## AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata pelas inúmeras pessoas, situações e experiências que atravessaram a minha trajetória acadêmica e contribuíram para o meu desenvolvimento.

Agradeço a Deus e aos seus símbolos.

Agradeço ao Dharma que se desenvolve pelo caminho. *Dhanyavad!*

Agradeço aos meus pais por uma vida de amor e generosidade. Esta monografia é fruto de uma intensa dedicação que me proporcionou as condições materiais e afetivas necessárias durante o tempo da graduação.

Agradeço ao Bruno, que em sua imagem de irmão mais velho muito me ensina sobre amor e cuidado.

Agradeço a Adriana por ser uma luz que iluminou em mim aspectos que eu desconhecia. Em uma linguagem mitológica, foi o auxílio sobrenatural e anímico que me guiou para esta grande jornada no mundo dos símbolos.

Agradeço ao Reuber, meu orientador que eu tanto admiro e que acreditou em mim, sendo um guia de fundamental parceria neste processo. Uma benção de um caminho abençoado.

Agradeço aos meus familiares que me apoiaram e vibraram comigo em todas as minhas conquistas.

Agradeço aos meus companheiros de turma de 2016.1 com quem eu caminhei durante estes 5 anos.

Agradeço imensamente aos amigos que a UFRJ me proporcionou.

Agradeço em especial a Lina, ao Edu e a Lua pela amizade sincera e pelo compartilhamento das alegrias e das tristezas. Foram estas companhias, conversas, rodas, atos, praias, cinemas, teatros, festas e cervejas que sustentaram minha vida no Rio de Janeiro.

Agradeço a Anna Clara e a Mariana pela duradoura amizade que é sempre uma âncora, um ponto de retorno e um local de respiro.

Agradeço a Carolina pela amizade e por ser minha guia trilheira nessa concrete jungle.

Agradeço ao Pedro, porteiro do prédio da Tijuca que durante muito tempo alegrou minhas manhãs com sua presença e seu caloroso “Bom dia!”.

Agradeço aos meus professores da época do colégio que despertaram em mim a paixão pela docência.

Agradeço a todos os meus professores da Faculdade de Educação da UFRJ por lutarem cotidianamente por uma educação pública, gratuita, laica e de qualidade.

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante se sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que se ver”, sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

(José Saramago)

## **Resumo**

Com base nos estudos de Joseph Campbell e da psicologia analítica, esta pesquisa tem como metodologia a revisão bibliográfica e busca investigar simbolicamente a vida do grande educador Paulo Freire. A jornada mitológica do herói desenvolvida por Campbell é caracterizada por 3 etapas principais - a separação do mundo habitual, a iniciação no mundo desconhecido e o retorno com um elixir ao mundo cotidiano. Assim, identifica-se que a jornada do herói evidencia características arquetípicas que podem ser traçadas na vida de Paulo Freire. Ao viver esta experiência mitológica, Paulo Freire torna-se também um símbolo, e a leitura de sua vida pode trazer grandes contribuições aos atuais educadores.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; A jornada do herói; Símbolo; Educação Brasileira.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. PAULO FREIRE: UMA BREVE BIOGRAFIA .....	12
1.1 Infância e juventude - No quintal de casa, à sombra da mangueira .....	12
1.2 O trabalho no Sesi, Angicos e o golpe militar .....	14
1.3 O exílio e as andanças .....	17
1.4 O retorno de Freire ao Brasil - “O seu nome é reconhecido em diversas universidades através do mundo todo. Não o será aqui, na Unicamp?” .....	22
2. MITO E SOCIEDADE MODERNA .....	26
2.1. Símbolo e Arquétipo .....	26
2.2 Joseph Campbell .....	30
2.3. Mito e sociedade moderna .....	31
2.4. Monomito, um paralelo com o Processo de Individuação da Teoria Junguiana: a jornada do herói .....	34
2.4.1. Separação .....	39
2.4.2 Iniciação .....	42
2.4.3 Retorno .....	45
3. PAULO FREIRE: UM MITO MODERNO SOBRE O ARQUÉTIPO DO HERÓI .....	47
3.1 Aproximações com o monomito: Paulo Freire e a jornada do herói .....	47
3.1.1 Separação .....	47
3.1.2 Iniciação .....	51
3.1.3 Retorno .....	52
3.2 A presença de Paulo Freire .....	52
3.3 Paulo Freire: uma vida educadora que inspira outras vidas educadoras? .....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	58
REFERÊNCIAS .....	60

## INTRODUÇÃO

A proposta inicial da presente pesquisa surgiu em 2019.2 nas aulas da disciplina eletiva de Imaginário Social e Educação, ministrada pelo professor Reuber Scofano, na UFRJ. Podia-se facilmente identificar as aulas de terça-feira a noite pois eram nitidamente marcadas pelo fazer docente de um professor que acredita no diálogo freiriano e na não dicotomia entre o aprender e o ensinar

O professor Reuber, assim como o professor Freire, acredita que a leitura dos textos só é transformadora se estiver relacionada com o contexto de quem os está lendo. Nas aulas, ele costumava dizer: “Pra quem não leu o texto, não tem problema. Os textos são para a vida de vocês”. Por estes motivos, as Aulas de Imaginário Social e Educação eram cheias de universitários que compartilhavam entre si a alegria de aprender e ensinar em uma verdadeira experiência de leitura da palavra e do mundo.

Nas aulas, lemos alguns dos autores que contribuíram para os atuais estudos do campo do imaginário. Dentre eles, dois compõem o referencial teórico desta pesquisa: Joseph Campbell e Carl G. Assim, juntamente com a proposta da monografia surgiram muitos dos fios que no decorrente processo de pesquisa foram tecidos.

O presente trabalho busca investigar a vida do grande educador Paulo Freire sob a perspectiva da jornada mitológica do herói desenvolvida por Joseph Campbell. Paulo Freire é um importante educador do século XX, sua vida e sua obra contribuíram para a educação não só do Brasil, como do mundo. Assim, sua vida emerge como um campo de pesquisa fundamental para todos aqueles que pensam a educação como forma de emancipação humana.

Paulo Reglus Neves Freire (1921 -1997) foi um educador pernambucano que por ter dedicado sua vida à uma educação emancipadora e política, tornou-se conhecido no mundo todo, sendo um nome de referência na área da educação. Durante o tempo de exílio, Freire morou em países como o Chile, Estados Unidos e Suíça, além de ter realizado mais de 150 viagens a pedidos de universidades e países progressistas, entre outros movimentos políticos.

Nascido em uma família classe média no Recife, ainda criança sofreu as consequências da crise de 1929 e teve de se mudar da capital para a cidade de Jaboatão. Foi no período da adolescência, em Jaboatão, que Freire iniciou seus trabalhos como docente. A

cidade é também o lugar onde Paulo Freire conheceu Elza, sua primeira esposa e companheira.

Até o início da década de 1960 o casal se dedicou à educação de jovens e adultos trabalhadores. Como professor da Universidade do Recife, Paulo Freire coordenou um evento na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, que marcou a educação brasileira: conhecido como as 40 horas de Angicos, 308 trabalhadores foram alfabetizados nos círculos de Cultura em apenas 40 horas. Logo após, em 1964, Paulo Freire foi perseguido, preso e exilado.

Kohan (2019) e Haddad (2019) apresentam uma pesquisa realizada por Elliot Green que mostra que *A Pedagogia do Oprimido* é, no mundo, o livro mais citado na área da educação; na área das ciências sociais o livro ocupa o terceiro lugar. O “método Paulo Freire” ficou mundialmente conhecido e hoje é referência em muitos países. Em 1986, Paulo Freire ganhou o Prêmio da Paz da UNESCO

No Brasil, em 2012, no primeiro governo da presidenta Dilma Rousseff, foi sancionada a Lei nº12612 que declara Paulo Freire Patrono da educação brasileira. A partir de 2013 movimentos de direita como MBL (Movimento Brasil Livre) começaram a atacar a imagem de Paulo Freire, acusando-o, principalmente, de “comunista”, “doutrinador” e a “fonte de todos os problemas da educação brasileira”. O golpe contra Dilma, em 2016, intensificou os ataques.

Paulo Freire é uma figura capaz de polarizar posições políticas e “para o bem ou para o mal, a gosto ou contragosto do próprio Freire, ele acaba se tornando um ícone, um mito, um símbolo que extrapola, e muito, o Brasil” (KOHAN, 2016, p.16). Neste sentido, Nóvoa acrescenta: “a vida e a obra de Freire estão inscritas no imaginário pedagógico do século XX, constituindo uma referência obrigatória para várias gerações de educadores” (NÓVOA, 1998, p.185 apud KOHAN, 2019, 2019).

Joseph Campbell (1904 - 1987) foi um professor, pesquisador e escritor que dedicou sua vida ao estudo das mais diversas mitologias do mundo, fazendo sempre um paralelo das mitologias primitivas com o mundo contemporâneo.

Assim, para Campbell, os mitos possuem um aspecto cultural, que dizem respeito diretamente a determinado grupo, e possuem também um aspecto universal e arquetípico, que tem como base o inconsciente coletivo. De acordo com o autor, “o todo de uma mitologia é uma organização de imagens e narrativas simbólicas, metáforas das possibilidades das

experiências humanas e a realização de uma dada cultura em um determinado tempo” (CAMPBELL, 2002, p.17).

Ao estudar e comparar as narrativas das mais diversas mitologias produzidas pela humanidade, Campbell percebeu todas elas falam de uma única história: a história de um herói - seja ele cultural, histórico ou religioso - que sai de seu mundo habitual, vence inúmeros desafios e retorna ao seu mundo cotidiano com um elixir. A este modelo o autor deu o nome de *monomito*, um padrão arquetípico que narra a vida humana e contém significados profundos para a vida contemporânea.

Nesta perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender a dimensão simbólica da vida de Paulo Freire no imaginário social da educação brasileira através da associação de sua vida à jornada mitológica do herói desenvolvida por Joseph Campbell. Seus objetivos específicos são: I) Fazer um levantamento biográfico da vida de Paulo Freire; II) Conhecer os conceitos de arquétipo, símbolo e mito desenvolvidos por Carl Gustav Jung e Joseph Campbell e compreender a sua relação com o mundo contemporâneo; III) Investigar a figura de Paulo Freire como um ícone da cultura contemporânea; IV) Investigar os benefícios que a leitura simbólica da vida e obra de Freire pode trazer à formação de professores.

Esta pesquisa utilizará a revisão bibliográfica como metodologia de pesquisa, tendo como eixo a investigação da herança simbólica da vida de Paulo Freire no imaginário da educação brasileira. Assim, a vida de Freire será investigada a partir da concepção de mito desenvolvida por Campbell, com destaque para a Jornada do Herói.

Para o levantamento biográfico da vida de Paulo Freire serão analisados os textos de Freire (2001), Brandão (2005) e Haddad (2019). Para os aspectos filosóficos e políticos da vida e da obra de Freire, além dos autores já citados, serão analisados os textos de Cortella (2018), Kohan (2019), Gadotti e Cornoy (2018) e Freire (2016). Para investigar os conceitos de símbolo, arquétipo e mito e a sua relação simbólica com o mundo contemporâneo, serão analisados os textos de Campbell (2002), (2013) e (2019), Jaffe (1996), Von Franz (2016) e Jung (2016).

Este trabalho é composto por três capítulos mais as considerações finais. No primeiro capítulo, é apresentada a vida de Paulo Freire. No segundo capítulo, é feita uma explanação da perspectiva do mito, do símbolo e do arquétipo nas concepções de Jung e Campbell. No terceiro capítulo é estabelecida uma relação entre a vida do educador Paulo Freire e o modelo

mitológico da jornada do herói proposto por Campbell. Por fim, são apresentadas as conclusões e considerações acerca da pesquisa realizada, apontando suas contribuições na compreensão da temática estudada.

## **1 PAULO FREIRE: UMA BREVE BIOGRAFIA**

### **1.1 Infância e juventude - No quintal de casa, à sombra da mangueira**

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921. Durante seus 10 primeiros anos de vida, até o início da década de 1930, Paulo Freire morou com seus pai Joaquim Temístocles Freire, sua mãe Edeltrudes Neves Freire - também conhecida como Tudinha - e seus três irmãos Armando, Stela e Temístocles no bairro da Casa Amarela, localizado na estrada do Encantamento, no Recife. Joaquim Temístocles nasceu no Rio Grande do Norte, porém, ainda jovem mudou-se para o Recife para seguir na carreira militar com a qual trabalhou durante grande parte de sua vida. Já Edeltrudes nasceu em uma família classe média do Recife e frequentou bons colégios.

Foi no quintal de sua casa, à sombra da mangueira, que Paulo escreveu suas primeiras palavras. Seus pais alfabetizaram não só Paulo, que era o mais novo, mas também os outros três filhos. Sobre este período, Freire diz: “minha alfabetização não foi nada enfadonha porque ela partiu de palavras e frases chegadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal” (FREIRE, 1996, p.31). Ainda em sua primeira infância, Freire teve esta experiência inaugural que veio a ser o trabalho de sua vida.

Há uma paixão que surgiu em Freire muito antes da educação e do ato de educar: a paixão pela Língua Portuguesa. Foi na escola organizada na casa da professora Eunice Vasconcelos, a “professorinha”, que Paulo Freire aprendeu a formar sentenças, para ele é como se a Língua Portuguesa dissesse: “Paulo, repara bem como é bonita a forma que a gente tem de falar” (FREIRE, 1996, p.31).

Freire explica que Eunice tinha um jeito especial de ensinar a formar sentenças: ela primeiro pedia para que os alunos escrevessem em uma folha palavras que conhecessem para, depois, formarem frases com elas, tantas quanto forem possíveis. Eunice debatia com os alunos o sentido e o significado de cada palavra em cada sentença. Se, em sua alfabetização à sombra da mangueira, Paulo teve contato intuitivamente com um método que valoriza a subjetividade e a experiência do educando, em sua escola primária descobriu que as palavras não são estáticas e podem movimentar-se.

Os pais de Paulo, Joaquim e Edeltrudes, não tinham renda para manter a vida no Recife, de modo que recebiam com frequência uma quantia em dinheiro de Rodovalho,

padrinho de Paulo, que tinha um armazém de grãos na região sudeste. Até a década de 1920, grande parte da economia nacional girava em torno da exportação de café. Com a queda da bolsa de valores em 1929, o Brasil deixou de ter os países norte-americanos como compradores de seus grãos, afetando grandes e pequenos negócios do país. Com a perda do armazém, Rodovalho não pôde mais ajudar a família dos Freire, que tiveram de se mudar do Recife para Jaboatão dos Guararapes.

A mudança para Jaboatão fez a família conhecer a constante ameaça da fome e da pobreza. A situação piorou em 1954 quando, após muitas tentativas sem sucesso de se manter economicamente, o pai de Paulo faleceu vítima de um aneurisma abdominal. A família ficou com uma pequena pensão, insuficiente para manter as despesas da casa. Com isso, os irmãos mais velhos de Paulo tiveram que começar a trabalhar. Ele, como era o mais novo entre os quatro irmãos, não precisou passar por esta experiência.

Paulo terminou o ensino primário na cidade de Jaboatão mas, neste caminho, surgiu um obstáculo: a cidade não possuía o ensino do antigo ginásio. Sua mãe passou algum tempo indo até a cidade do Recife à procura de uma bolsa de estudos. Após muitas tentativas, conseguiu uma vaga na Escola Oswaldo Cruz. Aluísio Araújo, diretor da escola, e sua esposa se tornaram grandes amigos de Paulo. Tanto que em 1979, quando o educador veio ao Brasil visitar amigos e familiares, ele estava no aeroporto para recebê-lo.

Dois anos antes de terminar os estudos, Aluísio convidou Paulo Freire para ser auxiliar da disciplina de Língua Portuguesa da Escola Oswaldo Cruz. Mais tarde, enquanto se graduava em direito, se tornou professor de Língua Portuguesa da mesma instituição. Haddad (2019) conta que Aluísio estava sentado junto aos alunos para assistir a primeira aula de Freire. Ao final ele avaliou positivamente, mas disse que “a aula havia sido um pouco acima do nível adequado aos alunos” (HADDAD, 2019, p.32). O autor continua afirmando que esta “foi sua primeira aprendizagem como professor, adequar o conteúdo de suas aulas aos estudantes” (HADDAD, 2019, p.32).

Neste tempo, Paulo Freire conseguiu retornar com a família para o Recife. Trabalhou como professor de escolas privadas e também como professor particular. Foi quando conheceu Elsa, professora do primário que iria prestar concurso para o estado e precisava desenvolver os estudos da Língua Portuguesa. Paulo e Elsa se casaram em 10 de novembro de 1944 e tiveram 5 filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes.

Poucos anos antes do casamento, Paulo Freire teve que se alistar no exército para servir a nação na Segunda Guerra Mundial. Porém, para a sua alegria, foi dispensado graças a sua profissão de professor e a sua baixa estatura e força. Formou-se em direito em 1947 e até trabalhou na área, dividindo o escritório com Paulo Rangel Moreira, seu amigo de faculdade. No entanto, quase não exerceu a profissão. Mesmo assim, ela foi muito importante para a sua formação, apesar de não ser o seu “gosto”:

Descobri isso logo no começo. Agora acabei de escrever um livro que conto essa história, a minha primeira causa, ainda para me formar. Foi com um dentista que comprou um equipamento dentário e não pôde pagar. E eu era advogado do credor dele. E o chamei ao meu escritório. E foi e começou a conversar comigo. Era um sujeito da minha idade. “É, Dr. Paulo, eu não posso pagar, e o senhor não vai poder me acionar contra, não pode tomar meus instrumentos de trabalho”. A lei não permitia, realmente. “Mas os meus móveis o senhor pode tomar”. E eu deixei de ser advogado naquele dia. Disse pra ele, “Olhe, vá para casa, passe no mínimo 15 dias em paz com sua mulher, porque daqui a 15 dias vou devolver sua causa. E o seu credor vai ter mais uma semana para arranjar outro advogado como eu, e é aí que vai te aperrear de novo, daqui uns 15 a 20 dias”. Larguei, definitivamente, e me dediquei exclusivamente à pedagogia. Depois fui trabalhar no Sesi de Pernambuco, onde tive uma experiência fantástica, que me deu possibilidade de refletir teoricamente sobre o que eu via, o que eu fazia e escutava. E tudo isso, o Paulo Freire de hoje não vem só disso, mas através disso. (FREIRE, 2016, p.340)

## **1.2 O trabalho no Sesi, Angicos e o golpe militar**

Até a conclusão do curso de direito, Freire só havia tido a experiência de lecionar Língua Portuguesa para adolescentes e jovens nas escolas nas quais trabalhou. Todavia, neste mesmo ano de 1947, foi convidado para atuar com educação de jovens e adultos trabalhadores no Sesi - Serviço Social da Indústria. Lá, ele permaneceu durante dez anos: entre 1947 e 1954 ocupou o cargo de diretor e, entre 1954 e 1957, o cargo de superintendente. Além disso, dedicou-se à prática dos círculos de cultura e à formação de professores. De acordo com Brandão (2005). “uma pedagogia centrada no respeito ao outro, no diálogo e na participação ativa de todos os educandos começava a nascer ali” (BRANDÃO, 2005, p.20).

Criado na década de 1940 pela Confederação Nacional da Indústria e instituída por decreto presidencial no governo Vargas, Freire analisa que o Sesi nasceu como resposta à pressão da classe trabalhadora dos grandes centros do sudeste do país. Todavia, esta era uma política assistencialista, e não emancipatória. Segundo ele, o Sesi nasceu com a tarefa de “fazer uma assistência que se estendesse ao assistencialismo e com o qual se faria política, mas a política da classe dominante” (FREIRE, 2016, p.375).

Ainda assim, ao analisar o seu trabalho no Sesi, Freire destaca que foi este o momento no qual teve contato com a classe trabalhadora urbana e rural e se tornou um pedagogo, “um cara que pensava a prática educativa e que por isso mesmo propunha uma certa teoria desta prática” (FREIRE, 2016, p.376). Para Freire, foi a prática no Sesi que o radicalizou (FREIRE, 2016, p.375). Os fundamentos e as práticas político-pedagógicas e filosóficas da Pedagogia do Oprimido tiveram suas bases estabelecidas no Sesi-Pernambuco.

Com a tese “Educação e atualidade”, recebe o título de Doutor pela Universidade do Recife. No ano seguinte, na mesma universidade, se torna professor de Filosofia e História da Educação. Em 1962, Paulo Freire, juntamente com o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, recebeu um convite do governador do estado do Rio Grande do Norte para alfabetizar com o seu “método” os trabalhadores da cidade de Angicos.

Freire fez duas exigências para a realização do projeto, que são: "a de não interferência partidária, a da independência técnica, de fazermos uma educação que se voltasse para a libertação do povo, para a sua libertação interna e externa” (BRANDÃO, 2005, p.30). A formação de sua equipe, composta por alunos e professores universitários da Universidade do Recife, durou um ano. O evento de 1963 rapidamente ficou conhecido como as “40 horas de Angicos”: 300 trabalhadores foram alfabetizados em apenas 40 horas nos círculos de cultura. Sobre esta experiência, Brandão (2005) escreve:

Pensemos uma vivência de alfabetização em que, em lugar de se aprender apenas a ler e escrever palavras de uma maneira instrumental e mecânica, chega-se a saber ler-e-escrever palavras por meio do aprendizado de um diálogo crítico e criativo com os outros, “ao vivo”, e também com os textos escritos. Um círculo de trocas de saberes em que se aprende a ouvir e a falar, ao mesmo tempo em que se aprende a ler e a escrever. (BRANDÃO, 2005, p.58)

Brandão (2005) aponta que os primeiros anos da década de 1960 foram breves, porém de intensas mobilizações sociais no Brasil, e Paulo Freire foi um sujeito comprometido com o seu tempo histórico. Observa-se que neste período no campo das artes, das ciências e das ações sociais há uma preocupação no sentido de pensar experiências que sejam genuinamente brasileiras e latinoamericanas.

Com a experiência de Angicos, Paulo Freire foi convidado pelo Ministro da Educação Paulo de Tarso para desenvolver e implementar o Programa Nacional de Alfabetização, com o objetivo de colocar em prática, em escala nacional, um trabalho de alfabetização popular. O presidente João Goulart assinou em janeiro de 1964 o Decreto de criação do Plano Nacional

de Alfabetização, coordenado por Paulo Freire. Porém, o golpe militar já estava encaminhado, ocorrendo em abril do mesmo ano. O Plano Nacional de Alfabetização foi cortado antes mesmo de ser iniciado.

Dada a repercussão do evento de Angicos, Paulo Freire se tornou uma personalidade que estaria sob a mira dos militares que tomaram o poder. Seu encerramento contou com a presença de muitas autoridades, dentre elas o Presidente João Goulart e o Marechal Castello Branco - antes do golpe, Castello Branco era o comandante do IV Exército. Depois, se tornou o primeiro a assumir o governo, sendo um dos seus articuladores. Em Angicos, Castello Branco presenciou o pronunciamento emancipatório de um senhor de 70 anos que se dirigia à João Goulart:

- Alteza - chamou o presidente Goulart de Alteza (*risos*) -. me lembro de que, uma vez, houve uma fome muito grande nesse estado, e outro presidente, que era o Getúlio Vargas, veio aqui, no Rio Grande do Norte, para ajudar a gente a sair da fome da barriga. E hoje veio Vossa Alteza para ajudar a gente a matar outra fome, a fome da cabeça, a fome do saber.

Depois ele disse uma coisa que a imprensa não deu, não noticiou.

- Nós aprendemos aqui, presidente, mais do que assinar o nome, do que ler um bilhete. Nós aprendemos aqui a mudar.

Sim, porque o João Goulart tinha citado no discurso dele a leitura da carta do ABC do país, que era a Constituição. E ele disse:

- Nós aprendemos, presidente, mais do que ler a carta do ABC do Brasil, aprendemos a mudar ela também. (FREIRE, 2016, p.243)

E o mais temido aconteceu: em 1º de abril de 1964 os militares tomaram o poder. De acordo com Haddad (2019) estas foram as primeiras acusações feitas contra Paulo Freire pelo governo militar: “apontaram o material didático produzido como contrário aos interesses da nação e acusaram os seus autores de querer implantar o comunismo no país” (HADDAD, 2019, p.14). O autor evidencia também que o caso de Freire incomodar tanto a uma parcela da elite brasileira se dava ao fato do voto ser um direito negado às pessoas iletradas. Para eles, o Plano Nacional de Alfabetização - e, conseqüentemente, Paulo Freire - era uma ameaça.

Nesta ocasião, a serviço do Mec, Paulo Freire e sua família moravam em Brasília. Com o clima tenso, eles rapidamente tiveram de voltar para o Recife. No dia 1º de Julho, dia do aniversário de Elza, Freire recebeu, em casa, sua primeira intimação e teve que acompanhar dois agentes militares até o IV Exército. Foi preso, mas por pouco tempo. Duas semanas após o primeiro ocorrido, Freire teve de depor contra novas acusações: as “atividades subversivas antes e depois do movimento de 1º de abril, assim como sua ligação com pessoas e grupos de agitadores nacionais e internacionais” (HADDAD, 2019, p.20). O interrogatório

começou com perguntas a respeito de métodos pedagógicos e terminou com acusações sobre o seu suposto envolvimento com o comunismo. Segundo Haddad (2019), o método de Freire foi comparado com os usados nos governos de Hitler, Mussolini, Stalin e Perón.

Ao todo, Paulo Freire ficou 70 dias preso. Conheceu tanto o cárcere privado quanto o coletivo, convivendo com pessoas importantes para a sua formação, dentre elas o ativista político Claudomir Santos de Moraes, o prefeito deposto de Recife Pelópidas Silveira e o advogado Joaquim Ferreira. Quando retornou para casa, Elza foi a primeira a apontar a necessidade de sair do país. Paulo não queria, mas foi necessário. Assim, ele buscou ajuda com os amigos que moravam no exterior. Foi o ministro da educação da Bolívia, que na época estava no Rio de Janeiro, quem o convidou para ser assessor de educação da Bolívia. O convite foi aceito, “sem passaporte, porque nunca havia deixado o país, Paulo embarcou para La Paz apenas com sua carteira de identidade enfiada por Elza em seu bolso no último instante” (HADDAD, 2019, p.25). Madalena, a filha mais velha, estava com 18 anos, já Lutgardes, o mais novo, estava com 5.

No Brasil, as acusações dos conservadores e dos militares contra a figura de Paulo Freire só aumentavam. Ibiapina Lima, general responsável pelo caso de Freire, em outubro de 1964, divulgou o relatório final de seu inquérito onde o considerava um “criptocomunista encapuçado sob a forma de alfabetizador” (HADDAD, 2019, p.26). Em 2014, a Comissão Nacional da Verdade apontou Ibiapina Lima com crimes de violação dos direitos humanos. Freire, porém, não relata ter sofrido violências físicas. Por fim, Ibiapina Lima o acusa de ser “um dos maiores responsáveis pela subversão dos menos favorecidos. Sua atuação no campo da alfabetização de adultos nada mais é que uma extraordinária tarefa marxista de politização dos mesmos” (HADDAD, 2019, p.26).

### **1.3 O exílio e as andanças**

Freire partiu para La Paz em outubro de 1964, acompanhado pelo embaixador da Bolívia. Contava com pouco dinheiro, além de roupas e livros. Sentia-se angustiado com a incerteza do futuro de sua família que havia permanecido no Brasil. Com a perseguição política em seu país natal, Paulo Freire tornou-se um exilado. Nestes tempos de exílio, Freire caminhou por países da América, Europa, África, Ásia e Oceania, desenvolvendo sempre trabalhos relacionados à educação emancipadora.

A passagem pela Bolívia, primeiro país no qual tentou viver, foi breve. La Paz, capital do país, está localizada no topo dos Andes, a 3500 metros do nível do mar. A saúde de Paulo Freire, que na época estava com 48 anos, não se acostumou com a altitude da cidade. O emprego de assessoria, prometido ainda no Brasil pelo ministro da educação, não aconteceu e os seus recursos financeiros estavam acabando. Para piorar sua situação, a democracia boliviana estava sob ameaça. Planejando deixar o país, Freire conseguiu a documentação que seria necessária para sair da Bolívia e chegar ao Chile, país de escolha estratégica, tendo em vista que o governo de Frei Montalva estava acolhendo exilados políticos.

Mais uma vez, Freire contou com a ajuda de amigos. Paulo de Tarso, ex-ministro da educação com quem Freire desenvolveu o PNA no Brasil antes do golpe de 1964, tentou contato com o ministro das Relações Exteriores do Chile. Todavia, foi através do seu amigo Steban Strauss que Freire conseguiu seu primeiro emprego no Chile, no Instituto Desarrollo Agropecuario, sob a presidência de Jacques Chonchol. De acordo com Haddad (2019), Freire “não só saiu com um trabalho estável, em que poderia contribuir com sua experiência, como também um salário maior do que jamais recebera” (HADDAD, 2019, p.81).

Dias após se estabilizar no Chile, reencontrou sua família após 2 meses de afastamento. Todos conseguiram emitir os documentos que os permitiriam viver e sair do país de forma livre. Além do Instituto Desarrollo Agropecuario, Freire trabalhou também no Ministério da Educação do Chile e como consultor da UNESCO junto ao ICIRA - Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria do Chile. A estabilidade financeira e a relação estabelecida entre a família de Freire e a comunidade de refugiados possibilitou que os anos vividos no Chile fossem agradáveis:

Em Santiago, a comunidade de brasileiros, engrossada por exilados de outros países e mesmo por alguns chilenos, crescia e se tornava mais unida e solidária: seus integrantes trabalhavam na acolhida dos que chegavam, recebendo-os em sua casa até que conseguissem organizar a vida. Quem já estava estabelecido no Chile contribuía para a caixinha de ajuda àqueles que viriam depois. (HADDAD, 2019, p.86)

No Ministério da Educação do Chile, Freire colaborou com uma experiência de educação de jovens e adultos. Com isso, as experiências de trabalho desenvolvidas no Sesi-Pernambuco e em Angicos, adaptadas à realidade Chilena, ficaram conhecidas no país como *método psicossocial*, e foram a base de formação da equipe de profissionais que atuavam nas comunidades rurais. Sobre o “método Paulo Freire” que teve início no Brasil e se solidificou no Chile e nos Estados Unidos, Ana Maria Araújo Freire escreve:

O “convite” de Freire ao alfabetizando adulto é, inicialmente, para que ele se veja enquanto homem ou mulher vivendo e produzindo em determinada sociedade. Convida o analfabeto a sair da apatia e do conformismo de “demitido da vida” em que quase sempre se encontra e desafia-o a compreender que ele próprio é também um fazedor de cultura, fazendo-o apreender o conceito antropológico de cultura. O “ser-menos” das camadas populares é trabalhado para não ser entendido como designio divino ou sina, mas como determinação do contexto econômico-político-ideológico da sociedade em que vivem.

Quando o homem e a mulher se percebem como fazedores de cultura, está vencido, ou quase vencido, o primeiro passo para sentirem a importância, a necessidade e a possibilidade de se apropriarem da leitura e da escrita. Estão alfabetizando-se, politicamente falando. (FREIRE, 1996, p.37).

*Educação como Prática de Liberdade*, primeiro livro de Freire, foi publicado em 1965 no Chile e, logo após, em 1967, no Brasil. O livro foi fruto de uma grande produção intelectual de Paulo Freire, que originou também o livro *Pedagogia do Oprimido*, concluído em 1968 e publicado posteriormente nos Estados Unidos. O primeiro livro discorre sobre as experiências de educação vivenciadas no Brasil e teve sua introdução escrita por Francisco Weffort - amigo que o buscou no aeroporto quando desembarcou em Santiago, em 1964.

Em *Educação como Prática de Liberdade*, Freire sistematiza “sua filosofia da educação e o método que já havia sido testado em diferentes contextos” (HADDAD, 2019, p.91), e elenca os pilares do seu sistema: “[...] a não neutralidade da educação; a necessidade de ensinar em favor dos mais pobres; o diálogo como método de educar; a conscientização de educadores e alunos sobre os problemas sociais como via para a transformação da realidade” (HADDAD, 2019, p.91).

A repercussão de *Educação como Prática da Liberdade*, tornou Freire conhecido nos Estados Unidos. Como consequência, no ano de 1967, o educador foi convidado para participar de conferências no país. Em um evento, Paulo Freire abordou publicamente, pela primeira vez, o conceito de “educação bancária”. A partir da boa recepção do conceito, Freire admitiu que o livro *Pedagogia do Oprimido* já estava com suas ideias elaboradas a ponto de começar a ser escrito. Elsa foi a primeira leitora da *Pedagogia do Oprimido*. Durante o processo de escrita, fazia observações e apontamentos para o marido que sempre a escutava.

Nos anos de exílio do Chile, Freire desenvolveu um hábito que permaneceu na Suíça e, um pouco menos, nos Estados Unidos: a rotina dos encontros entre a comunidade de exilados. Na comunidade chilena, estabeleceu laços com personalidades importantes para a escrita da *Pedagogia do Oprimido*. Tais quais Jacques Chonchol, Ernani Maria Fiori, Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Plínio Arruda Sampaio, Geraldo Vandré, entre tantas

outras. Após as reuniões, Freire falava: “Não! Espere um instantinho que eu vou ler o livro!” (KOHAN, 2019, p.40). Em entrevista, Lutgardes, o filho mais novo de Freire e Elza que na época tinha em torno de 7 anos, falou sobre estas reuniões:

Porque era impressionante, Walter! A cada vez que meu pai começava a falar em casa, quando tinha visita, todo mundo ficava calado e escutava ele falar. Ele era de um carisma! Era tão carismático que era impressionante. Era uma coisa alucinante. Aí eu dizia: “Mas o que meu pai tem que todas as pessoas ficam assim?”. Ele dava verdadeiras aulas em casa. Era impressionante! (KOHAN, 2019, p.38)

A família pretendia se estabelecer e permanecer no Chile. No entanto, por questões políticas, os planos mudaram: a democracia estava frágil e, em 1973, o país sofreu um golpe militar. Antes disso, porém, Freire já havia deixado o Chile e partido em direção aos Estados Unidos.

Ainda assim, o final da década de 1960, no Chile, foi marcado por uma forte polarização política que afetou Freire. O clima de oposição entre o Partido Demócrata Cristão, de Frei Montalva, que recebeu o apoio dos conservadores, e a Frente de Ação Popular (Frap), de Salvador Allende, tomou grandes proporções. Freire despertou a desconfiança tanto dos socialistas quanto dos conservadores:

Ao tomar a decisão de trabalhar no governo de Frei Montalva, por indicação de Jacques Chonchol, ele [Freire] havia despertado a desconfiança dos setores socialistas, ligados à candidatura de Salvador Allende. Dentro do governo, sua condição de exilado político e educador reconhecidamente alinhado ao campo progressista não representava uma ameaça, já que havia entrado para a administração pelas mãos de um dos seus quadros mais importantes. No entanto, com a saída de Chonchol na dissidência do Partido Demócrata Cristão à esquerda, Paulo se veria sob forte pressão dos setores conservadores remanescentes sempre muito críticos em relação à orientação de seus programas educativos, voltados aos camponeses e aos trabalhadores urbanos empobrecidos. O método de trabalho de Paulo não era mais visto com bons olhos pelo governo Frei Montalva. (HADDAD, 2019, p.98).

Em 1969, Paulo Freire recebeu uma carta da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, para trabalhar como professor convidado. Paulo, Elza, Joaquim e Lutgardes mudaram-se para os Estados Unidos em abril do mesmo ano. Maria de Fátima e Maria Cristina decidiram ficar no Chile, mas logo seguiram ao encontro de seus pais. Madalena, a filha mais velha, estava casada e morando na Inglaterra.

Este novo contexto de mudança afetou muito a família e “Elza, mais uma vez, teve um papel fundamental ao acolher os filhos e apoiar o trabalho do marido” (HADDAD, 2019, p.100). Paulo sentia-se inseguro porque não dominava a fala da língua inglesa e cogitou, inclusive, voltar para o Chile. Elza, com firmeza e sinceridade discordou desta possibilidade:

Olha, Paulo. Eu estou gostando disso aqui, não quero voltar, não tenho porque voltar, você tampouco. Pois que seja humilde e estude! Se você levar a sério, vai conseguir falar inglês, assim como fez outras coisas. Assuma hoje a responsabilidade! Claro que eu não creio que você tenha vindo para cá irresponsavelmente, do ponto de vista subjetivo. Objetivamente é que você não está falando mesmo! Pois que trate de superar. (HADDAD, 2019, p.102).

Também em 1969, no Chile, Freire recebeu um convite do CMI - Conselho Mundial de Igrejas, com o qual veio a trabalhar nos próximos 10 anos de sua vida. A família então, em 1970, mudou-se para Genebra, na Suíça. Neste tempo, Freire fez mais de 150 viagens internacionais a pedido de universidades, movimentos sociais, governos progressistas, entre outras demandas.

Junto aos amigos Claudius Ceccon, Miguel Darcy de Oliveira e Babette Harper, Paulo e Elza fundaram o Idac - Instituto de Ação Cultural, cuja ideia era “estabelecer contato com vários países e a partir de setores comprometidos com a justiça social e assessorá-los em suas demandas” (HADDAD, 2019, p.112). Com o Idac, Freire e sua equipe desenvolveram trabalhos apoiando contextos como a educação sindical, na Itália, os movimentos feministas, na Suíça, e os países africanos que estavam no processo de luta pela independência. Dos países africanos, destaca-se Guiné-Bissau, país que havia se libertado do domínio português via luta armada e, em 1974, convidou Paulo Freire para apoiar o trabalho de alfabetização:

O governo da Guiné-Bissau estabeleceu a alfabetização como uma de suas prioridades, um enorme desafio diante das diversas línguas africanas faladas no território além do português, idioma oficial. Mario Cabral, responsável pela Comissão de Educação e Cultura da Guiné-Bissau, procurou Paulo Freire em busca de ajuda para essa missão. A equipe do Idac se entusiasmou de imediato com a oportunidade política de contribuir com o processo de libertação dos países africanos. Guiné-Bissau era um país situado na costa ocidental da África e composto por mais de quarenta etnias, em um território que incluía um grande conjunto de ilhas ao largo da parte continental. (HADDAD, 2019, p.115).

Freire nasceu em Pernambuco, ou seja, até o início de sua vida adulta estava acostumado com o clima tropical do nordeste brasileiro. Um dos maiores incômodos que Freire encontrou no Chile, nos Estados Unidos e na Suíça foi justamente o intenso clima frio. Inclusive, ao olhar fotografias de Paulo Freire quando jovem, observa-se que ele não usava barba no rosto, este foi um hábito que adquiriu nos Estados Unidos e com o qual continuou até o fim de sua vida.

Pois bem, atuar em países do continente africano trouxe à Freire memórias do Brasil em diversos aspectos. O primeiro deles, como dito acima, foi o clima quente que era propício para frutas que ele tanto gostava, como manga e jaca. Estar na África também fez Freire

lembrar-se dos seus primeiros trabalhos com educação de jovens e adultos através do Sesi-Pernambuco e da extensão da Universidade do Recife na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Em uma carta encaminhada a Mário Cabral, Paulo Freire disse: "Sabíamos que estávamos no Círculo de Cultura das Farp, em Bissau, mas em certo sentido, era como se estivéssemos no Brasil de anos passados, aprendendo com os alfabetizados e não apenas a eles ensinando" (HADDAD, 2019, p.124).

#### **1.4 O retorno de Freire ao Brasil - "O seu nome é reconhecido em diversas universidades através do mundo todo. Não o será aqui, na Unicamp?"**

Com o período de redemocratização entre 1975 e 1985, a restauração do estado democrático de direito e as demandas populares a favor da lei da anistia, muitos exilados políticos puderam retornar ao Brasil de forma segura. Em 1979, Freire saiu da Suíça em direção ao aeroporto de Viracopos, em São Paulo, sendo recebido por um grande número de amigos, familiares e admiradores. Seu primeiro evento público no Brasil, após 15 anos de exílio, ocorreu no teatro da PUC-SP. Apesar das censuras em seus livros, Freire era conhecido, principalmente, por educadores e ativistas de movimentos sociais. O teatro estava lotado, muitos ouvintes ficaram do lado de fora tentando participar deste evento histórico.

Em junho de 1980 Freire volta para o Brasil de forma definitiva, atendendo a um convite para ser professor da PUC-SP. Freire, que antes da ditadura nunca havia saído do país, finalmente conseguiu emitir o seu passaporte brasileiro. Em 1964, quando saiu do Brasil, levou apenas o documento de identidade.

Freire foi convidado também para ser professor titular da UNICAMP. Porém, como ainda era um período de tensões políticas suscitadas com os militares no poder, sua efetivação na universidade não foi simples. Como estratégia, foi pedido para que Rubem Alves, professor da UNICAMP, escrevesse um parecer a favor de Freire. Ele, indignado, escreveu:

Um parecer sobre Paulo Reglus Neves Freire:

O seu nome é reconhecido em universidades através do mundo todo.

Não o será aqui, na UNICAMP? E será por isso que deverei acrescentar a minha assinatura (nome conhecido, domesticado) como avalista?

Seus livros, não sei em quantas línguas estão publicados. Imagino (e bem pode ser que esteja errado) que nenhum outro dos nossos docentes terá publicado tanto em tantas línguas. As teses que já escreveram sobre o seu pensamento formam bibliografias de muitas páginas. E os artigos escritos sobre o seu pensamento e sua prática educativa, se publicados, seriam livros.

O seu nome, por si só, sem pareceres domésticos que o avalizem, transita pelas universidades da América do Norte e da Europa. E quem quisesse acrescentar a este nome a sua própria “carta de apresentação” só faria papel de ridículo.

Não, não posso pressupor que este nome não seja conhecido na UNICAMP. Isto seria ofender àqueles que compõem seus órgãos decisórios.

Por isso o meu parecer é uma recusa a dar um parecer. E nessa recusa vai, de forma implícita ou explícita, o espanto de que eu devesse acrescentar meu nome ao de Paulo Freire. Como se, sem o meu, ele não se sustentasse.

Mas ele se sustenta sozinho.

Paulo Freire atingiu o ponto máximo que um educador pode atingir.

A questão não é se desejamos tê-lo conosco.

A questão é se ele deseja trabalhar ao nosso lado.

É bom dizer aos amigos: Paulo Freire é meu colega. Temos salas no mesmo corredor da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Era o que me cumpria dizer. (HADDAD, 2019, p.144).

Se por um lado o retorno do educador popular que alfabetizava jovens adultos e que chegou perto de desenvolver um Plano Nacional de Educação no Brasil era profundamente aguardado por muitos de seus conterrâneos, por outro lado os conservadores não mediriam esforços para manchar o nome de Paulo Freire. Diante disso, intelectuais como Antônio Candido, Francisco Weffort, Ernani Maria Fiori, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, entre outros, assinaram uma nota, uma defesa pública, à favor do educador:

Os abaixo-assinados vêm a público manifestar o seu apreço ao educador Paulo Freire e reafirmar o reconhecimento do significado extraordinário da sua obra. Mais do que o inventor do método de educação popular que melhor respondeu às necessidades da imensa maioria do povo brasileiro - e que tem sido aplicado em várias regiões do mundo -, Paulo Freire impõe-se ao respeito de todos como pedagogo da justiça social, em total harmonia com os princípios da doutrina cristã, em particular, e dos direitos humanos em geral. É lamentável para o Brasil que uma personalidade de prestígio internacional - doutor honoris causa pela Universidade de Londres, Genebra, Louvain e Michigan e detentor do prêmio de educação Rei Balduino da Bélgica em 1980 -, longe de ser desagradado oficialmente das injustiças sofridas desde 1964, seja alvo de agressões indevidas. Consideramos que o julgamento preconceituoso da obra de Paulo Freire, além de ferir a dignidade de um grande educador, termina por servir às injustiças do poder estabelecido e confirma uma prática obscurantista e inquisitorial de censura. (HADDAD, 2019, p.149).

Freire era frequentemente convidado por universidades do país para ministrar aulas avulsas, seminários e palestras. Suas atividades intelectuais, na década de 1980, também envolveram a produção de livros de diálogos com outros educadores. Em 1983 Freire teve a oportunidade de retornar à cidade de Angicos para reencontrar amigos e companheiros que participaram da grande experiência de alfabetização. Foi também diretor do Instituto Cajamar cujo objetivo era possibilitar a formação política dos trabalhadores da grande São Paulo.

No dia 24 de outubro de 1986, Elza, sua companheira a mais de 42 anos, veio a falecer vítima de um ataque cardíaco. Com isso, Freire deixou de participar de muitas das suas atividades. Haddad (2019) relembra de um evento do Instituto Cajamar no qual Freire se justificou, após passar muito tempo calado: “Estou exercendo o meu direito ao luto” (HADDAD, 2019, 159). O autor continua, dizendo que Elza:

Cuidou da família para que ela não se degradasse, mesmo diante da violência do exílio. Deu segurança para que Paulo pudesse alcançar o que alcançou, ajudou-o a tomar decisões importantes e a formular, com sua experiência como professora primária, todo seu pensamento sobre educação. (HADDAD, 2019, p.158).

Em 1988, Paulo Freire casou-se com Ana Maria Araújo Freire. Eles eram amigos de longa data. Nita - como também era chamada - é filha de Aluizio Araujo, diretor da escola que recebeu Paulo Freire como bolsista. Com o casamento, Nita ficou responsável por editar os livros do marido. Mesmo após a morte de Freire, Nita, que é historiadora, continuou catalogando seus documentos que deram origem a novos livros.

Com a nova Constituição Federal de 1988 ocorreram as primeiras eleições municipais após a ditadura militar. O PT - Partido dos Trabalhadores venceu as eleições para as prefeituras de Porto Alegre, Vitória e São Paulo, foi uma grande conquista para o partido de esquerda. Luiza Erundina, que assumiu a prefeitura de São Paulo, convidou Paulo Freire para atuar como Secretário Municipal de Educação.

Para planejar a lista de metas do seu mandato, Freire convidou professores da USP e da UNICAMP. Com a sua gestão, foi pensada uma educação crítica para a cidade de São Paulo. Paulo Freire encontrou muitas dificuldades neste cargo, a principal delas era a constante crítica vinda a partir das mídias. Não concluiu o tempo de mandato, deixando o cargo em 1989. Antes disso, Freire escreveu a um amigo:

Sua carta me apanha quando eu estive, durante mais de quinze dias, intensamente criticado pela e através da imprensa. Os críticos me tratam de uma maneira que muitas vezes eu me pergunto se faz sentido continuar a despender o último tempo de minha vida sendo acusado de fazer o que não fiz. (HADDAD, 2019, p.203).

Ainda atuando como Secretário Municipal de Educação, Freire argumentava que já estava velho e precisava descansar, além disso os convites para visitar universidades no Brasil e no mundo continuavam. Com a idade avançada, Paulo Freire teve que diminuir o ritmo dos trabalhos e:

Permitiu-se passar mais tempo ouvindo música, principalmente clássica, como Villa-Lobos, Vivaldi e Mozart, seus compositores preferidos, e canções de MPB,

cuidando dos passarinhos, de seus cachorros, dois pastores alemães, Angra e Jim. Reclamava que o corpo não acompanhava mais a cabeça. Gostava de assobiar e o fazia muito bem. Torcedor fanático do Santa Cruz, em Recife, e do Corinthians, em São Paulo, acompanhava partidas de futebol pela televisão. Sempre que possível, saía com Nita para jantar ou ir ao cinema, ao teatro ou a concertos, hábitos que se tornaram mais frequentes no segundo casamento. Tornou-se também mais cuidadoso ao se vestir e, a pedido da esposa, começou a manter o cabelo mais comprido. (HADDAD, 2019, p.214)

Seus últimos livros escritos e publicados em vida foram: *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, de 1992; *Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis*, de 1994, e *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, de 1997. No mês seguinte da publicação do seu último livro, em maio, Paulo Freire faleceu aos 75 anos, após a realização de uma angioplastia. Seu velório ocorreu no prédio da PUC-SP e contou com a presença de amigos, familiares, ex-alunos, autoridades e demais admiradores.

## 2. MITO E SOCIEDADE MODERNA

### 2.1 Símbolo e Arquétipo

O século XX foi propício para os estudos do campo do inconsciente, conceito que não foi inaugurado por Sigmund Freud (1856 - 1949) e Carl Gustav Jung (1875 - 1961), mas que encontrou nestes autores um significativo aprofundamento. Apesar das semelhanças e das aproximações entre as teorias de ambos os autores, há também conceitos que são divergentes. Assim, na perspectiva Junguiana, não é somente o inconsciente pessoal, ligado às experiências do ego, que existe e opera na consciência do indivíduo, à isto Jung chamou de Inconsciente Coletivo.

Para Jung (2017), o homem é um ser que deseja comunicar-se e, para isso, a sua linguagem é repleta de símbolos. Segundo o autor, “uma palavra ou imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato” (JUNG, 2017, p.19). A imagem ou a palavra simbólica é, em parte, perceptível pelo consciente, porém ela tem também um aspecto inconsciente que nunca poderá ser definitivamente explicado. A totalidade do símbolo está fora do alcance do pensamento racional.

Isto se dá pelo fato de que o ato de compreender conscientemente determinado objeto perpassa o reconhecimento dos contrastes. Desta forma, a consciência se dá pelo contraste. A luz opõe-se à escuridão, assim como a quietude e o movimento, o bem e o mal, o quente e o frio, etc, formam pares de opostos. Estes objetos têm a mesma natureza, porém estão em intensidades opostas. O inconsciente, ao contrário, é capaz de comportar o símbolo sem dividi-lo e, assim, ele mantém a sua totalidade:

Assim que a consciência apreende o conteúdo inconsciente, o par se separa. A paridade original dos opostos - os aspectos bipolares de um único arquétipo paradoxal - se retira para uma distância que a consciência não pode alcançar. Nem sequer é possível concebê-la. Como podem espírito e matéria serem uma unidade? Ou psique e matéria? No lugar das imagens pressentidas da totalidade, porém ocultas ao movimento lógico, emergem agora conceitos parciais claramente definidos e independentes - extraordinária realização da consciência humana na luta para compreender o mundo - porém ligados ao perigo do empobrecimento psíquico pela unilateralidade e ameaçados da perda de uma apreensão unitária da realidade. (JAFFE, 1996, p.26)

Jung (2017) defende que “os sonhos são o mais fecundo e acessível campo de exploração para quem deseja investigar as formas de simbolização do homem” (JUNG, 2017, p.25). É na vida onírica onde nascem, de forma inconsciente e espontânea, as palavras e as

imagens simbólicas. Isto é, símbolos são oriundos de acontecimentos psíquicos que geram experiências. Por esse motivo, uma forma de pensamento racional não pode construir um símbolo.

Neste sentido, de acordo com Jung, “não importa de que adornos extravagantes se oriente uma tal ideia - ela vai manter-se apenas um sinal associado ao pensamento consciente que significa, e nunca um símbolo a sugerir coisas ainda desconhecidas” (JUNG, 2017, p.64). Os sinais, ao contrário dos símbolos, podem ser construídos racionalmente e indicam apenas objetos que já são conhecidos e podem ser compreendidos somente a partir do pensamento consciente. O signo é denotativo, já o símbolo é conotativo:

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós [...] Conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas. Tomemos como outro exemplo o caso de um indiano que, após uma visita à Inglaterra, contou aos seus amigos que os britânicos adoravam animais, isto porque viram inúmeros leões, águias e bois nas velhas igrejas. Não sabia (tal qual muitos cristãos) que estes animais são símbolos de uma visão de Ezequiel que, por sua vez, é análogo a Horus, o deus egípcio do Sol, e seus quatro filhos. Existem, além disso, objetos como a roda e a cruz, conhecidos no mundo inteiro, mas que possuem, sob certas condições, um significado simbólico. (JUNG, 2017, p.18).

Porém, os elementos simbólicos encontrados nos sonhos não são oriundos somente do inconsciente pessoal, eles também podem - e isto acontece com frequência - surgir do inconsciente coletivo. Ao investigar os sonhos de seus pacientes, Freud percebeu que haviam elementos simbólicos que não se relacionavam às experiências pessoais de quem as sonhou. Ele chamou estes elementos de *resíduos arcaicos*: “formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parece, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano” (JUNG, 2017, p.82).

Já Jung chamou estes *resíduos arcaicos* de *arquétipos* ou *imagens primordiais*. Jaffe (1996) aponta que “a concepção de arquétipo para Jung é uma continuação da ideia tradicional de Platão. Assim como para este a “ideia”, uma espécie de modelo espiritual, é preexistente e supra-ordenada à exteriorização ou fenômeno, para Jung é o arquétipo”. (JAFJE, 1996, p.18). Os arquétipos estão na base do inconsciente coletivo, de forma que não são submetidos às medidas de tempo e espaço. São padrões do comportamento humano e, assim como os instintos, são inatos e herdados:

Não acredito que cada animal recém-nascido crie seus próprios instintos como uma aquisição individual, e tampouco podemos supor que cada ser humano invente, a cada

novo nascimento, um comportamento específico. Como os instintos, os esquemas de pensamentos coletivos da mente humana também são inatos e herdados. E agem, quando necessário, mais ou menos da mesma forma em todos nós. (JUNG, 2017, p.93).

Os arquétipos, assim como os instintos, “são fatores inconscientes que desempenham uma função ordenadora” (JAFFE, 1996, p.20). Jaffe (1996) aponta também que o que se pode conhecer são os motivos arquetípicos, que não são os arquétipos em si mas são ordenados por eles, emergindo no mundo consciente:

A palavra “arquétipo” deriva do grego e significa “a cunhagem original”. Com relação a manuscritos, denota o original, a forma básica para cópias posteriores. Em psicologia, arquétipos representam padrões da natureza humana, “a especificidade humana do homem”. Como grandezas inconscientes, permanecem também irrepresentáveis e ocultos, mas se tornam indiretamente discerníveis pelas combinações que produzem na nossa consciência: os motivos análogos apresentados pelas imagens psíquicas e os motivos típicos de ação nas situações primordiais da vida - nascimento, morte, amor, maternidade, transformação etc. O arquétipo per se é como um criador por trás dos motivos arquetípicos, mas só estes são acessíveis à consciência. (JAFFE, 1996, p.17)

Os arquétipos trabalham no consciente, eles “criam mitos, religiões e filosofias que caracterizam nações e épocas inteiras” (JUNG, 2017, p.98). Pesquisar estas imagens arcaicas e compreendê-las como modelos pré-existentes possibilitou que Jung se atentasse ao fato de que assim como o corpo, a mente humana também possui uma história. O homem moderno é um mistura de inúmeras características adquiridas ao longo de toda esta história da evolução mental:

O homem desenvolveu vagarosa e laboriosamente a sua consciência, num processo que levou um tempo infindável, até alcançar o estado civilizado (arbitrariamente datado de quando se inventou a escrita, mais ou menos no ano de 4000 a.C). Esta evolução está longe da conclusão, pois grandes áreas da mente humana ainda estão mergulhadas em trevas. O que chamamos de psique não pode, de modo algum, ser identificado com a nossa consciência e seu conteúdo. (JUNG, 2017, p.22)

Esta história tem início nos primórdios da humanidade. De acordo com Jung, “assim como a evolução do embrião reproduz as etapas da pré-história, também a mente se desenvolve por uma série de etapas pré-históricas” (JUNG, 2017, p.125). O inconsciente do homem moderno guarda características da mente humana primitiva, de quando não havia cisão entre consciente e inconsciente.

Os homens primitivos “não pensavam nos seus símbolos. Viam-nos e eram inconscientemente estimulados pelo seu significado” (JUNG, 2017, p.101). O pensamento racional é recente na história da mente humana. Para Jung (2017), o homem “primeiro foi

levado, por fatores inconscientes, a agir; só muito tempo depois é que começou a refletir sobre as causas que motivaram sua ação” (JUNG, 2017, p.101).

Se o homem primitivo sacralizava a sua vida de tal forma que até mesmo as atividades cotidianas eram ritualísticas, o homem moderno “aprendeu a realizar eficientemente o seu trabalho sem precisar recorrer a cânticos ou batuques” (JUNG, 2017, p.103). Um dia, a humanidade frente à seca que constantemente devastava suas plantações, recorreu aos deuses da chuva para que eles derrotassem o demônio que havia amaldiçoado a terra. Hoje, a ciência criou mecanismos que garantem o bom funcionamento da vida mesmo com condições naturais não favoráveis. Sobre o homem moderno, Jung (2017) diz:

O homem moderno não entende o quanto o seu “racionalismo” (que lhe distribuiu capacidade de reagir a ideias e símbolos numinosos) o deixou à mercê do “submundo psíquico. Libertou-se das "superstições" (ou pelo menos pensa tê-lo feito), mas nesse processo perdeu seus valores espirituais em escala positivamente alarmante. Suas tradições morais e espirituais desintegram-se e, por isso, paga agora um alto preço em termos de desorientação e dissociação universais. (JUNG, 2017, p.118)

Este significativo distanciamento entre pensamento simbólico e o homem moderno resulta em uma supervalorização da imagem racional e mecânica do mundo. A consciência encontra-se com mais valor do que o inconsciente. O mesmo acontece com a ciência e a matéria, que apresentam mais valor do que a fé e o espírito. Ignorar os aspectos inconscientes da vida levou o homem moderno a um profundo sentimento de falta de sentido, resultado da abdicação do pensamento simbólico, e agora vê-se abandonado e pode “até chegar-se a uma dissociação neurótica e uma vida mais ou menos artificial, em tudo distanciada dos instintos normais da natureza e da verdade” (JUNG, 2017, p.56).

Para Jung (2017), o homem é um ser paradoxal, formado de espírito e matéria. A função geral da palavra e da imagem simbólica é justamente promover o equilíbrio psíquico entre consciente e inconsciente de forma a superar este paradoxo que é “uma das maldições do homem moderno” (JUNG, 2017, p.22). Mesmo quando ignorados, os aspectos inconscientes geram ocorrências psíquicas no consciente. Assim, os símbolos são importantes para o homem moderno pois eles agem como “mensageiros indispensáveis da parte instintiva da mente humana para a sua parte racional, e a sua interpretação enriquece a pobreza da nossa consciência, fazendo-a compreender, novamente, a esquecida linguagem dos instintos” (JUNG, 2017, p.61).

## 2.2 Joseph Campbell

Joseph Campbell nasceu em 1904 na cidade de Nova York e faleceu em 1972, no Havaí. Dedicou toda a sua vida aos estudos da mitologia comparada e hoje é considerado um dos maiores mitólogos do século XX. De origem irlandesa, Campbell cresceu em uma família classe média que valorizava as artes.

Em muitas entrevistas, Campbell conta que seu primeiro contato com a mitologia ocorreu ainda na infância quando, junto de sua família, foi a um passeio pela cidade de Nova York. Primeiro, encantou-se com uma apresentação artística que encena narrativas do velho oeste e dos indígenas estadunidenses. Depois, no Museu de História Natural de Nova York, Campbell ficou admirado com uma exposição de artefatos dos povos indígenas norte-americanos.

Desta forma, a paixão pela mitologia surgiu em Campbell com as narrativas indígenas de seu país. Até seus 11 anos, frequentava a biblioteca das redondezas de onde morava e conhecia todos os livros sobre os povos indígenas que haviam no local. Campbell, aos 13 anos, mudou-se com sua família para uma cabana na Pensilvânia. Lá, conheceu o escritor de livros indígenas Elmer Russel Gregor, que contribuiu bastante para a sua formação.

Porém, no ensino superior, Joseph Campbell primeiro cursou a faculdade de ciências biológicas e matemática. Alguns anos depois, foi para a Universidade de Columbia estudar artes e literatura. Nos tempos de graduação, Campbell tocou saxofone em uma banda de Jazz e foi atleta em um grupo de corrida.

Na década de 1920 foi para a França fazer o mestrado em lendas arturianas. Neste tempo aprendeu francês, alemão e sânscrito. Em 1929, Campbell retornou para os Estados Unidos com o objetivo de fazer um doutorado em sânscrito, mas não encontrou nenhuma universidade interessada. Nisso, mudou-se para Woodstock e construiu um hábito de leitura e estudos de 8 horas diárias.

Em 1934, foi convidado para lecionar na Sarah Lawrence College, uma universidade só para mulheres. Durante 38 anos, Joseph Campbell lecionou mitologia comparada nesta instituição. Em 1934, Campbell casa-se com Jean Erdman, com quem permaneceu até o fim de sua vida.

Em 1949, Campbell lança seu primeiro livro, *O Herói de Mil Faces*. Neste livro, o autor fala sobre a jornada mitológica do herói arquetípico, chamada por ele de monomito. Hoje, o livro é publicado em mais de 20 idiomas.

Campbell tem uma vasta obra. Muitos dos seus livros, porém, não estão em circulação no Brasil. Dentre os seus livros, estão: *O Poder do Mito*, *O Herói de Mil Faces*, *Mito e Transformação*, *As Transformações do Mito através dos Tempos* e as 4 edições de *As Máscaras de Deus*.

Um ano após sua morte, foi lançada uma série de entrevistas que tornou Campbell ainda mais famoso. *O Poder do Mito* foi uma entrevista filmada na fazenda do diretor de cinema George Lucas e guiada pelo jornalista Bill Moyers. A série foi lançada no Brasil em 1988 pela TV Cultura.

### **2.3 Mito e sociedade moderna**

Jung conta que, nos seus estudos, ao se deparar com a existência de símbolos nos sonhos, pensou “Por que [os símbolos] haveriam de significar outra coisa além daquilo que expunham? Existe na natureza alguma coisa que seja outra, além do que realmente é?” (JUNG, 2017, p.112). Uma vez que Jung defende os sonhos como imagens do inconsciente coletivo, Campbell acrescenta que os mitos são os sonhos do mundo, sonhos coletivos que agem no consciente, de tal forma que são capazes de criar e caracterizar realidades. De acordo com Campbell:

O sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho despersonalizado; o mito e o sonho simbolizam, de maneira geral, a dinâmica da psique. Mas, nos sonhos, as formas são distorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que, nos mitos, os problemas e soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade. (CAMPBELL, 2007, p.28)

Mitos são narrativas que nascem e nasceram em toda a humanidade, eles podem ser considerados uma “abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas” (CAMPBELL, 2017, p.15). As filosofias, religiões, as artes, as ciências, entre tantos outros campos, nasceram dos mitos que carregam, em si, o poder criador original de sua fonte.

Sem dúvidas há visíveis diferenças entre as mitologias produzidas pela humanidade ao longo de sua história. Em um primeiro olhar, um mito dos antigos povos indígenas

estadunidenses nada se assemelha aos mitos dos Mayas. E estes, por uma questão geográfica, retratam experiências e um imaginário que nada conversa com os mitos orientais chineses ou indianos. A estas características superficiais, Campbell (2019) atribuiu o conceito grego de *ethos*, isto é, um modo, um costume, um jeito inventado de se viver em sociedade. Cada sociedade inventa uma maneira de viver junto e torna isso um costume. Neste sentido, Jung (2017) acrescenta:

É comum supor que numa ocasião da época pré-histórica as idéias mitológicas fundamentais foram “inventadas” por algum sábio e velho filósofo ou profeta e então, depois disso, “acreditadas” por um povo crédulo e pouco crítico. Diz-se também que nas histórias contadas por algum sacerdote ávido de poder não são “verdades”, mas simples “racionalizações de desejos”. Entretanto, a própria palavra “inventar” deriva do latim *invenire* e significa “encontrar” e, portanto, encontrar “procurando”. No segundo caso, a própria palavra sugere uma certa previsão do que se vai achar. (JUNG, 2017, p.98).

Campbell (2002) diz que os mitos têm 4 funções. A primeira delas consiste em despertar um sentimento de assombro e maravilhamento perante ao universo. Esta função mística ou religiosa faz com que o indivíduo escolha entre 3 formas de se viver a sua própria vida: 1) afirmando o mundo como ele é; 2) negando o mundo como ele é ou 3) corrigindo o mundo para como ele deve ser. Aqui, está posta a relação entre o ser humano e as perguntas acerca dos grandes mistérios do universo. Sobre esta função, Campbell (2019) diz:

Os mitos abrem o mundo para a dimensão do espanto diante do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia. Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada. Você está sempre se dirigindo ao mistério transcendente, através das circunstâncias da sua vida verdadeira. (Campbell, 2019, p.32)

Todas as mitologias foram inventadas em um tempo histórico refletindo, assim, a ciência de uma época. Campbell (2002) diz que a segunda função do mito, a cosmológica, é de interpretar e dar forma ao universo, organizando e dando nome às coisas. O mito não é nem um fato, como muitos religiosos acreditam, e nem uma mentira, como muitos ateus defendem. O mito é uma metáfora e deve sempre ser entendido como tal para que não entre em desacordo com outros tempos históricos.

Nos mitos, os símbolos precisam ter “rigor metafórico” para a realização do seu nascimento. A metáfora é o que dá energia ao símbolo e garante a realização do infinito. Sua função, quando está de acordo com o contexto da experiência, é falar aos níveis mais profundos do ser humano. Por este motivo, as metáforas historicamente datadas não são

comunicáveis a pessoas de outros tempos. Neste sentido, para interpretar um mito é preciso levar em conta aquilo que é universal e separá-lo daquilo que é efêmero. O universal é o arquetípico:

Enquanto épocas e condições mudam drasticamente, o sujeito do condicionamento histórico no decorrer dos séculos a saber, a complexa unidade psicossomática que chamamos de pessoa humana permanece uma constante. O que Adolph Bastian descreveu como "idéias elementares" e aquilo a que Jung se referiu como "arquetipos do inconsciente coletivo" são as forças motoras biologicamente arraigadas e referências conotadas para as mitologias que, moldadas nas metáforas de períodos históricos e culturais em mudança, se mantêm elas mesmas imutáveis. (CAMPBELL, 2002, p.20)

O mito também dá validade à uma ordem moral e molda o indivíduo ao grupo social. Se anteriormente a vida humana era organizada pela natureza, na função sociológica do mito a vida é organizada através da cultura e assim a sociedade detém a força. Os ritos de iniciação primitivos contavam com violência física e até mesmo sacrifícios, eles tinham como objetivo incorporar mente e corpo do indivíduo “em um corpo cultural mais amplo” (Campbell, 2002, p.20).

Os ritos de passagem são elaborações formais que separam os novos papéis sociais a serem exercidos dos antigos padrões que devem ficar no passado. O mito tem a tarefa de “fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar” (CAMPBELL, 2007, p.21). Como a sociedade moderna carece da vitalidade dos mitos, há uma incidência da falta de sentido descrita por Jung (2017) e as passagens necessárias da vida adulta ocorrem com complicações:

Nos Estados Unidos, há até um *pathos* de ênfase invertida: o alvo não é o envelhecer, mas parecer jovem; não é envelhecer e afastar-se da Mãe, mas apegar-se a ela. [...] Ao que parece, há nessas imagens iniciatórias algo que, de tão necessário para a psique, se não for fornecido a partir do exterior através do mito e do ritual, terá de ser anunciado outra vez, por meio do sonho, a partir do interior - do contrário, nossas energias seriam forçadas a permanecer aprisionadas num quarto de brinquedos, banal e há muito fora de moda, no fundo do mar. (CAMPBELL, 2007, p.22).

Sendo assim, ainda para o homem moderno todas as etapas de sua vida passam por rituais mitológicos. A passagem da infância para a vida adulta, alistar-se no exército e o casamento são exemplos de eventos que necessitam de cerimônias de iniciação. Segundo Campbell (2019), “ Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável” (CAMPBELL, 2019, p.12).

Uma das grandes contribuições de Freud para o estudo da psique humana foi a descoberta do Complexo de Édipo, cuja principal característica é a presença, na vida do indivíduo, de duas forças opostas: o impulso de morte (Thanatos: destrudo) e amor (Eros: libido). Édipo Rei é um mito que trata a respeito das relações paternas e é vivido por todos os seres humanos durante o seu desenvolvimento. Freud o apontou “como a grande causa do fracasso do adulto no sentido de comportar-se como ser racional” (CAMPBELL, 2013, p.18).

A quarta e última função do mito é a pedagógica, a de guiar os indivíduos nos diversos caminhos e estágios da vida. Os mitos, com seus temas atemporais, apontam sinais nas trajetórias e aqueles que conseguem lê-los incorporam a sua vida interior à consciência do ego. De acordo com Campbell (2019), os mitos podem ensinar “como viver uma vida humana sob qualquer circunstância” (Campbell, 2019, p.32). O autor afirma:

A quarta função da mitologia tradicional é conduzir o indivíduo através dos vários estágios e crises da vida, isto é, ajudar as pessoas a compreender o desdobramento da vida com integridade. Essa integridade supõe que os indivíduos experimentarão eventos significativos a partir do nascimento, passando pelo meio da existência até a morte em harmonia, primeiramente com eles mesmos, em segundo lugar com sua cultura, em terceiro lugar com o universo e, finalmente, com aquele *mysterium tremendum* que transcende a eles próprios e a todas as coisas. (Campbell, 2002, p.20).

Quando comparados à dureza das tragédias, os mitos, os contos de fada e o “viveram felizes para sempre” são, muitas vezes, considerados histórias para enganar crianças. Neste sentido, ““As verdades contidas nas doutrinas religiosas são, afinal de contas, tão deformadas e sistematicamente disfarçadas”, escreve Sigmund Freud, “que a massa da humanidade não pode identificá-las como verdade”” (CAMPBELL, 2007, p.11).

#### **2.4 Monomito, um paralelo com o Processo de Individuação da Teoria Junguiana: a jornada do herói**

Sobre a relevância do mito para o homem moderno, Campbell (2019) diz que ele é importante não por falar sobre o significado, o sentido ou a verdade da vida humana. Segundo o autor, o mito fala sobretudo a respeito da experiência de estar vivo. O mito harmoniza os mundos consciente e inconsciente possibilitando, através dos seus símbolos, que a psique se expresse, além de estabelecer rituais necessários para o seu desenvolvimento.

Por este motivo, a função pedagógica do mito pode ser compreendida como sendo de grande valia para os homens e as mulheres da modernidade. Isto porque todas as mitologias do mundo apresentam a mesma narrativa cuja origem se encontra no padrão do arquétipo do herói. Nos mitos, o herói “é o homem ou a mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (CAMPBELL, 2007, p.28). Segundo Jung (2017):

O mito universal do herói, por exemplo, refere-se sempre a um homem ou um homem-deus poderoso que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros, demônios etc. e que sempre livra o seu povo da destruição e da morte. A narração ou declamação ritual de cerimônias e de textos sagrados e o culto à figura do herói, com danças, música, hinos, orações e sacrifícios, prendem os espectadores num clima de emoções numinosas (como se fosse um encantamento mágico), exaltando o indivíduo até a sua identificação com o herói. (JUNG, 2017, p. 98).

Este modelo arquetípico tem a mesma base dos rituais de passagem primitivos e consiste em três momentos principais de “separação-iniciação-retorno - que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (CAMPBELL, 2007, p.36). O monomito é, então, um padrão mitológico que contém significado e sentido para pessoas reais e contemporâneas. Pode-se dizer também que o monomito é uma metáfora para o que a Teoria Junguiana compreende como o Processo de Individuação.

Segundo Von Franz (2017), o Processo de Individuação é um certo tipo de mecanismo responsável pelo desenvolvimento psíquico do indivíduo. Assim ocorre o amadurecimento da personalidade, processo o qual todo indivíduo pode passar. Segundo a autora, a psique humana possui um centro de onde emana este mecanismo: "Jung chamou este centro o Self e o descreveu como a totalidade da psique humana, para diferenciá-lo do ego, que consiste apenas uma parte dela” (VON FRANZ, 2017, p.212).

Para exemplificar o Self, a autora cita a tribo indígena norte-americana Naskapi que vive isolada de outros povos e também não possui ritos de passagem. Sozinho, o indígena Naskapi “tem que contar apenas com suas vozes interiores e as revelações do seu inconsciente; não há mestres religiosos que lhe dizem no que acreditar, nem rituais, festas ou costumes que lhe sirvam de apoio” (VON FRANZ, 2017, p.212). Esta voz interior conhecida pelos Naskapi como o “Grande homem” é o que Jung chamou de Self.

Campbell (2007) ressalta que a única estrutura realmente permanente do monomito é o movimento de Saída - Iniciação - Retorno realizado pelo herói, as outras fases podem estar em uma ordem diferente ou podem até mesmo não acontecer. Em um mito todos os aspectos

são simbólicos, inclusive os personagens e os estágios, que representam os aspectos da psique humana. Em seu livro *O Herói de Mil Faces*, Campbell (2007) divide estas fases do monomito da seguinte forma:

O primeiro grande estágio, o da separação ou partida, constituirá a Parte I, Capítulo I, com cinco subseções: 1) "O chamado da aventura", ou os indícios da vocação do herói; 2) "A recusa do chamado", ou a temeridade de se fugir do Deus; 3) "O auxílio sobrenatural", a assistência insuspeitada que vem ao encontro daquele que leva a efeito sua aventura adequada; 4) "A passagem pelo primeiro limiar"; e 5) "O ventre da baleia", ou a passagem para o reino da noite. O estágio das provas e vitórias da iniciação será apresentado no Capítulo II, em seis subseções: 1) "O caminho de provas", ou o aspecto perigoso dos deuses; 2) "O encontro com a deusa" (Magna Mater), ou a bênção da infância recuperada; 3) "A mulher como tentação", a realização e agonia do destino de Édipo; 4) "A sintonia com o pai"; 5) "A apoteose"; e 6) "A bênção última".

O retorno e reintegração à sociedade, que é indispensável à contínua circulação da energia espiritual no mundo e que, do ponto de vista da comunidade, é a justificativa do longo afastamento, pode se afigurar ao próprio herói como o requisito mais difícil. [...] O terceiro dos capítulos seguintes concluirá a discussão dessas perspectivas sob seis subtítulos: 1) "A recusa do retorno", ou o mundo negado; 2) "A fuga mágica", ou a fuga de Prometeu; 3) "O resgate com ajuda externa"; 4) "A passagem pelo limiar do retorno", ou o retorno ao mundo cotidiano; 5) "Senhor dos dois mundos"; e 6) "Liberdade para viver", a natureza e função da bênção última. (CAMPBELL, 2007, p.40)

A busca do herói é chegar ao centro do mundo - o axis mundi - que pode ser identificado em inúmeros mitos, simbolizando o ponto mágico da Terra onde ocorre a eternidade e são feitas as correspondências entre os mundos consciente e inconsciente. Nos mitos, quando o herói chega ao centro do mundo exterior ele também chega ao centro do seu mundo interior, conhecendo e iluminando, assim, os seus aspectos psíquicos.

Nesta perspectiva, na medida em que Von Franz (2019) apresenta o Self como o arquétipo da totalidade do ser, Jaffe (1996) acrescenta que, para Jung, o sentido da vida humana é a realização do Self. O *si mesmo* é o centro do mundo a ser encontrado e sua realização é uma vida dotada do sentido que só pode ser encontrado a partir da transformação dos acontecimentos psíquicos em experiências. De acordo com Jaffe (1996), “o arquétipo incognoscível e intemporal do Self assume uma forma específica e singular em cada um e a tarefa, a meta da individuação, está em cumprir o seu próprio destino e vocação” (JAFJE, 1996, p.83).

No Processo de individuação cada pessoa encontra uma forma particular de auto realização. Para que isto ocorra, é necessário haver a realização da sombra - arquétipo escuro da psique, e o casamento arquetípico que, para o homem, consiste na harmonização com a

Anima - personalização do seus aspectos psicológicos femininos - e, para mulher, consiste na sua harmonização com o Animus - personalização dos seus aspectos psicológicos masculinos. Todos estes processos estão simbolizados no monomito desenvolvido por Campbell (2007) e serão desenvolvidos posteriormente.

O mais importante, porém, é que neste processo de auto realização, assim como o “Grande homem” é a voz-guia dos Naskapi, o Self oferece ao ego “todas as possibilidades para encontrar um bom caminho, não só no seu mundo interior, mas também no mundo exterior da natureza” (VON FRANZ, 2017, p.212). Sendo assim, para que haja realização interior e exterior, a participação e consciência do ego é imprescindível. A jornada precisa ser, também, consciente:

No entanto, este aspecto mais rico e mais total da psique [Self] aparece, de início, apenas como uma possibilidade inata. Ele pode emergir de maneira insuficiente ou então desenvolver-se de modo quase completo ao longo da nossa existência; quanto vai evoluir depende do desejo do ego de ouvir ou não as suas mensagens. Assim como o Naskapi percebe que a pessoa receptiva às sugestões do Grande Homem têm sonhos melhores e mais úteis, o nosso Grande Homem inato torna-se mais real aos que o ouvem do que aos que o desprezam. Ouvindo-o, tornamo-nos seres humanos mais completos. (VON FRANZ, 2017, p.213)

Na Índia, o herói é Arjuna que, guiado por Krishna, venceu a guerra de Kurukshetra; ou Sidarta Gautama, o Buda, que alcançou o Samadhi e retornou para contar os conhecimentos do Dharma. Na Suméria, a deusa Inana retornou à superfície e trouxe a fertilidade de volta à Terra após ficar presa no submundo. Na Grécia antiga, Prometeu roubou o raio dos deuses e o trouxe para a humanidade, Ulisses conquistou Ítaca e Teseu derrotou o Minotauro. Na tradição judaico-cristã, Moisés guiou o povo pelo deserto e Jesus Cristo foi crucificado, ressuscitado após três dias.

Estes são alguns exemplos. Cada povo tem o seu herói e mesmo em uma única cultura é possível encontrar uma pluralidade de narrativas arquetípicas. Mas o modelo é padrão: “um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o objetivo de trazer benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 2007, p.36). Ainda assim, são encontradas variações nas narrativas, e elas também são relevantes:

Seja o herói ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu sua jornada sofre poucas variações no plano essencial. Os contos populares representam a ação heróica do ponto de vista físico; as religiões mais elevadas a apresentam do ponto de vista moral. Não obstante, são encontradas variações surpreendentemente pequenas na morfologia da aventura, nos papéis envolvidos, nas vitórias obtidas. Caso um ou

outro dos elementos básicos do padrão arquetípico seja omitido de um conto de fadas, uma lenda, um ritual ou um mito particulares, é provável que esteja, de uma ou de outra maneira, implícito - e a própria omissão pode dizer muito sobre a história e a patologia do exemplo. (CAMPBELL, 2007, p.42)

O herói dos mitos surge quando o mundo está sob as ameaças do monstro-tirano. Segundo Campbell, o monstro-tirano possui sempre as mesmas características: “ele é o acumulador do benefício geral. É o monstro ávido pelos vorazes direitos do “meu e para mim”” (CAMPBELL, 2007, 25). E então, em um movimento cíclico, o herói nasce e vai derrotar o ego inflado do tirano.

Para exemplificar o nascimento do monstro-tirano, Campbell (2007) traz o mito de Teseu e o Minotauro como um modelo do que ocorre quando o sentido do ritual é deturpado. Esta história conta que Minos, o rei da ilha de Creta, pediu ao deus Poseidon que o enviasse um touro branco para que lutasse com ele nas guerras. Em honra a deus, Minos deveria sacrificar o touro. Mas não foi o que aconteceu, Minos agiu guiado pelo pensamento de o quão vantajoso seria ter aquele forte touro ao seu lado em outras batalhas.

Poseidon ficou com raiva e fez Perséfone, esposa de Minos, apaixonar-se pelo touro. Da união dos dois nasceu o Minotauro, um ser com corpo humano e cabeça e cauda de touro. Este nascimento foi uma vergonha para todo o reino. Assim, Minos pediu para que Dédalo, um artista Cretense, construísse um labirinto para esconder o monstro, de forma que ele não conseguisse sair. De tempos em tempos, o rei Minos enviava alguns jovens para saciar a fome do terrível monstro. Sobre o Rei Minos, Campbell (2007), diz:

Assim como os rituais de passagem tradicionais costumavam ensinar ao indivíduo que morresse para o passado e renascesse para o futuro, as grandes cerimônias de posse o privavam do seu caráter de pessoa comum e o vestiam com o manto de sua vocação. Esse era o ideal, fosse o homem um artesão ou um rei. Cometendo o sacrilégio de recusar o ritual, todavia, o indivíduo deixava de fazer parte, como unidade, da unidade mais ampla formada pela comunidade como um todo; e, assim, o Uno tornou-se muitos, passando esses últimos a lutar entre si - cada um por si -, tornando-se governáveis, tão somente, pelo uso da força. (CAMPBELL, 2007, p.25)

No decorrer da história surge Teseu, o herói, o “redentor, o portador da espada flamejante, cujos golpes, cujo toque e cuja existência libertarão a terra” (CAMPBELL, 2007, p.25). Assim que, vindo de Atenas, Teseu chegou na ilha de Creta, Ariadne, filha do rei Minos, se apaixonou por ele. A princesa foi até Dédalo que a entregou um novelo de linha vermelho que seria usado pelo herói para escapar do labirinto. Teseu, então, entrou no labirinto, derrotou o Minotauro e encontrou a saída seguindo a linha vermelha cuja ponta estava amarrada na entrada.

Campbell (2007) diz que a maioria das pessoas segue o caminho reconhecido e validado por sua sociedade e encontra nela os símbolos que dão o amparo necessário para a sua trajetória. Já o herói não vê respaldo simbólico na sociedade e precisa encontrar o seu fio de Ariadne. Há também um terceiro caso, aqueles que não se identificam com os símbolos de sua sociedade e também não encontram o seu fio de Ariadne, para estes, o Self se apresentará de forma sombria. Ainda assim, segundo Jaffe (1996), “cada uma e todas as formulações são um mito que o homem cria para responder ao irrespondível” (JAFFE, 1996, p.13). Campbell (2007) ressalta que é preciso pouco para que o herói inicie a sua jornada mas, sem o fio, ela não é possível:

A matéria-prima para o seu fio de linho foi colhida nos campos da imaginação humana. Séculos de agricultura, décadas de diligente seleção e o trabalho de numerosos corações e mãos entraram na colheita, na separação e na fiação desse fio resistente. Além disso, nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinho; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói. (CAMPBELL, 2007, p.31)

#### **2.4.1 Separação**

O monomito tem início quando o herói escuta e aceita o *chamado da aventura*, preparando-se para partir do seu mundo conhecido rumo ao mundo desconhecido. Esta fase representa a saída do mundo infantil, cujas bases estão ancoradas na sociedade, para as imagens arquetípicas dos mitos e dos rituais. Através de símbolos mensageiros - os arautos - ocorrem manifestações simbólicas que anunciam o chamado. O arauto “costuma ser sombrio, repugnante ou aterrorizador, considerado maléfico pelo mundo; e, no entanto, se perseguirmos, o caminho através dos muros do dia, que levam às noites em que brilham as jóias, nos será aberto” (CAMPBELL, 2007, p.62).

No conto da Princesa e o sapo, por exemplo, o sapo é o arauto que anuncia a passagem da infância para a adolescência. O mesmo ocorre na história de Alice no país das maravilhas, quando a heroína avista e persegue o coelho no jardim. Campbell (2007) também cita os 4 sinais que foram enviados pelos deuses ao príncipe Sidarta Gautama anunciando o tempo de sua iluminação: um ancião, um enfermo, um morto e um monge. O herói, ainda no mundo cotidiano, avista e persegue os sinais que o levarão ao *limiar*.

Porém, o chamado da aventura também pode ser recusado e, quando isso acontece, o herói torna-se uma vítima, uma pessoa a ser salva. Em alguns mitos este sujeito será para

sempre uma vítima, encontrando-se preso no labirinto e sendo devorado por seus próprios medos. Ele age assim como o Rei Minos que escolheu não sacrificar o Minotauro ao deus Apolo. O herói, ao contrário da vítima, é aquele que renuncia o ego infantil para realizar uma ação que é maior do que ele próprio.

Nos contos de fada a recusa do chamado pode ocorrer de forma simbólica como o feitiço que foi lançado na Bela Adormecida fazendo-a dormir até ser despertada por um príncipe encantado. Campbell (2007) afirma que algumas vítimas conseguem escapar de tais feitiços e tornam-se heróis. Isto ocorre porque “a psique reserva muitos segredos que só são revelados quando necessário. E assim, às vezes, o castigo que se segue a uma recusa obstinada ao chamado mostra ser a ocasião da providencial revelação de algum princípio insuspeitado de libertação” (CAMPBELL, 2007, p.70).

No decorrer da sua aventura, o herói irá deparar-se com forças perigosas. Para vencê-las ele contará com o *auxílio sobrenatural* de figuras que o guiarão e o protegerão. Para os indígenas norte-americanos, esta figura é a Mulher-aranha, uma anciã que vive embaixo da terra. Nos contos de fada, o auxílio vem da fada-madrinha ou de algum ser misterioso que habita a floresta. No mito de Teseu e o Minotauro, o herói só escapou do labirinto porque Ariadne lhe cedeu a ferramenta necessária. Fausto, de Goethe, é guiado pelo sombrio Mefistófeles. Sobre estes encontros, Campbell (2007) diz:

Esta figura representa o poder benigno e protetor do destino [...]. Basta saber e confiar, e os guardiões intemporais surgirão. Tendo respondido ao seu próprio chamado, e perseguindo corajosamente conforme se desenrolam as conseqüências, o herói encontra todas as forças do inconsciente do seu lado. Mãe natureza, ela própria, dá apoio à prodigiosa tarefa. E, quando a ação do herói coincide com a ação para a qual sua própria sociedade está pronta, ele parece seguir o grande ritmo do processo histórico. “Senti-me”, disse Napoleão no início de sua campanha russa, “levado na direção de um objetivo que eu desconhecia. Assim que o alcançasse, assim que eu me tornasse desnecessário, bastaria um átomo para me derrotar. Até então, nenhuma força da humanidade poderia agir contra mim.” (CAMPBELL, 2007, p.76)

Tendo o herói seguido os arautos e encontrado o auxílio sobrenatural, é chegado o momento de passar pelo limiar que separa o mundo cotidiano do mundo desconhecido. Passar pelo primeiro limiar já é um ato heróico porque “a pessoa comum está mais do que contente, tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado” (CAMPBELL, 2007, p.82).

Há um guardião que vigia o limiar, o herói precisa vencê-lo. Nos mitos, este guardião pode ser um monstro, um ogro, uma sereia ou qualquer outro ser sombrio. No período das grandes navegações, por exemplo, o imaginário da humanidade compreendia a Terra de forma plano e, em suas bordas, conforme as fábulas narravam, haviam monstros e demônios. Assim, Colombo teve que guiar e controlar seus marinheiros “como se fossem crianças, porque temiam os leviatãs, as sereias, lagartos e outros monstros das profundezas de falavam as fábulas” (CAMPBELL, 2007, p.82).

Passar pelo limiar é sair da dualidade do mundo consciente. O novo mundo a ser encontrado, isto é, “as regiões do desconhecido (deserto, selva, fundo do mar, terra estranha, etc), são campos livres para a projeção de conteúdos inconscientes” (CAMPBELL, 2007, p.83). Neste sentido, o herói ao entrar em contato com seus conteúdos inconscientes precisa superar a visão mecânica do mundo. Ao derrotar o guardião do limiar, o herói encontra os seus poderes mágicos. Caso isso não aconteça, ele será devorado. Segundo Campbell (2007). é a dualidade que separa o ser humano das magias do *Mysterium Tremendum*:

O “muro do paraíso”, que oculta Deus das vistas humanas, é descrito por Nicolau de Cusa como constituído pela “coincidência dos opostos”, sendo seu portão guardado pelo “mais alto espírito da razão, que impede a passagem enquanto não for superado”. Os pares de opostos (ser e não-ser, vida e morte, beleza e feiura, bem e mal, e todas as outras polaridades que ligam as faculdades à esperança e ao temor que vinculam os órgãos de ação a tarefas de defesa e aquisição) são as rochas de colisão (Simplégades), que esmagam os viajantes, mas pelas quais os heróis sempre passam. Trata-se de um motivo conhecido em todo o mundo. (CAMPBELL, 2007, p.90).

Após esta primeira superação, “o herói, em lugar de conquistar ou aplacar as forças do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu” (CAMPBELL, 2007, p.91). Então o herói encontra-se no ventre da baleia: o ego antigo morreu na passagem do limiar e um novo ser precisa renascer. O ventre da baleia é todo o processo que ocorre entre o primeiro e o último limiar, ele é símbolo do útero cósmico, um lugar separado do mundo cotidiano que denota a renovação da vida.

Na mitologia judaico-cristã, José foi jogado no poço, Jonas foi engolido por uma baleia e Jesus Cristo, enterrado em um túmulo. No conto dos irmãos Grimm, Chapeuzinho Vermelho é engolida por um lobo mau. Os templos religiosos são representações simbólicas do ventre da baleia no mundo contemporâneo. O devoto que adentra seus portais passa “por uma metamorfose. Sua natureza secular permanece lá fora; ele a deixa de lado, como uma cobra deixa a pele” (CAMPBELL, 2007, .93). Campbell (2007) continua:

O herói cujo apego ao ego já foi aniquilado vai e volta pelos horizontes do mundo, entra no dragão, assim como sai dele, tão prontamente como um rei circula por todos os cômodos do palácio. Ai reside seu poder de salvar; pois sua passagem e retorno demonstram que, em todos os contrários da fenomenalidade, permanece o Incrível-Imperceptível e não há nada a temer. (CAMPBELL, 2007, p.93)

### 2.4.2 Iniciação

Em seus estudos, Freud, Jung e Campbell consideram o mito de Eros e Psique como estruturante da psique humana, tendo em vista a sua qualidade simbólica. Em determinado momento, o mito conta que Psique foi até Vênus pedir para que ela lhe concedesse Eros, o seu amor, de volta. Vênus ficou furiosa e disse que só atenderia ao pedido se a princesa cumprisse quatro tarefas. Primeiramente, Vênus formou uma grande pilha de grãos de trigo, cevada, ervilha, sementes e feijões e ordenou que Psique os separasse. Psique contou com a ajuda de um grupo de formigas.

Em seguida, Vênus mandou Psique a uma floresta mágica a fim de que ela pegasse fios de lã de ouro dos carneiros antropofágicos que habitavam aquelas terras. Chegando ao local, Psique ficou sem saber como realizar esta perigosa tarefa. De repente, ouviu o arbusto lhe dizer que haviam pelos dos carneiros agarrados em seus galhos e que a princesa poderia pegá-los.

Quando Psique retornou com a lã, Vênus ordenou que ela trouxesse um cálice com a água de uma nascente situada em uma gigantesca montanha guardada por dragões que jamais dormiam. Uma águia enviada por Zeus se aproximou e a ajudou a cumprir a tarefa. Por fim, Vênus a mandou descer ao submundo e trazer um pouco da beleza de Perséfone em uma caixa. No submundo, Perséfone se compadeceu com a história de Psique e lhe concedeu um pouco da sua beleza.

Em muitos mitos, a entrada no inconsciente é simbolizada pela descida ao submundo. Campbell (2007) também ilustra a figura dos xamãs e dos curandeiros como heróis que em seus rituais fazem esta jornada. Quando retornam ao mundo consciente, trazem consigo as mensagens dos deuses. O que eles fazem, segundo o autor, é “apenas tornar visíveis e públicos os sistemas de fantasia simbólica presentes na psique de todo membro da sociedade” (CAMPBELL, 2007, p.104).

Em suma, o fragmento do mito de Eros e Psique citado anteriormente narra as dificuldades que a alma humana, simbolizada pela Psique, enfrenta em sua existência. Campbell (2007) diz que esta é mundialmente a parte favorita do mito-aventura. Aqui, o herói imerge em seu próprio labirinto e “caminha por por uma paisagem de formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas” (CAMPBELL, 2007, p.102).

Estas provas que Campbell (2007) cita são, em parte, uma metáfora para o para os encontros com o aspecto inconsciente da sombra descritos na psicologia analítica. Sobre elas, Von Franz (2017) diz: “só há uma atitude que parece alcançar algum significado: voltaram-se para as trevas que se aproximam, sem nenhum preconceito e com toda a simplicidade, e tentar descobrir qual o seu objetivo secreto e o que vem solicitar do indivíduo” (VON FRANZ, 2017, p.221).

O herói só consegue vencer os monstros simbólicos da sombra quando supera a dualidade da consciência. Isto significa que o herói precisa passar por um processo de assimilação de opostos, o que ocasiona o casamento arquetípico. Em *O Herói de Mil Faces*, Campbell (2007) descreve este processo a partir dos seguintes enunciados: O encontro com a deusa; A mulher como tentação; A sintonia com o pai; A apoteose e a benção última. Sobre o casamento arquetípico, Campbell (2007) diz:

Os deuses macho e fêmea não são incomuns no universo do mito. Eles sempre se encontram imersos em um certo mistério; pois conduzem a mente para além da experiência objetiva, para um domínio simbólico que deixa para trás a dualidade. Awanowilona, principal deus dos Zunis, o criador e continente de tudo, por vezes é referido como ele, mas é, na realidade, ele-ela. O Grande Original das narrativas chinesas, a mulher sagrada T'ai Yuan, combinava em sua pessoa o Yang masculino e o Yin feminino. Os ensinamentos cabalísticos dos judeus medievais, assim como os escritos cristãos gnósticos do século II, representam a Palavra Feita Carne como um andrógino, que constituía, na verdade, a condição de Adão quando de sua criação, antes do aspecto feminino, Eva, ser retirado e tomar outra forma. (CAMPBELL, 2007, p.146)

Neste sentido, Von Franz (2017) apresenta os arquétipos de Anima e Animus:

Problemas morais, difíceis ou confusos não são provocados somente pelo aparecimento da sombra. Muitas vezes emergem de uma outra “figura interior”. Se o sonhador for um homem, irá descobrir a personificação feminina do seu inconsciente; e caso seja uma mulher, será uma personificação masculina. Muitas vezes esse segundo personagem simbólico aparece por detrás da sombra, trazendo novos e diferentes problemas. Jung chamou as formas masculina e feminina, respectivamente, de animus e anima. (VON FRANZ, 2017, p.234)

Uma lente para entender o casamento arquetípico é identificar os aspectos simbólicos que envolvem as imagens das figuras masculina e feminina. Campbell (2007) apresenta que

nos mitos a mulher é símbolo da vida do mundo material, daquilo que nasce e morre e está sob os efeitos de Cronos. Ela é, segundo o autor, “o útero e o túmulo” (CAMPBELL, 2007, p.115). A mulher é símbolo da matéria e não deve, por isso, ser reduzida a condições inferiores. Assim, quando o herói arquetípico conhece e domina a vida, ele encontra com uma face da deusa:

A mulher representa, na linguagem pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que aprende. À medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser maior do que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ele já é capaz de compreender. Ela o atrai e guia e lhe pede que rompa os grilhões que lhe prendem. E se ele puder alcançar-lhe a importância, os dois, o sujeito do conhecimento e seu objeto, serão libertados de todas as limitações. A mulher é o guia para o sublime auge da aventura sensual. Vista por olhos inferiores, é reduzida a condições inferiores; pelo olho mau da ignorância, é condenada à banalidade e à feiura. Mas é redimida aos olhos da compreensão. O herói que puder considerá-la tal qual ela é, sem comoção indevida, mas com a gentileza e a segurança que ela requer, traz em si o potencial do rei, do deus encarnado, do seu mundo criado. (CAMPBELL, 2007, p.117)

Quando a princesa Psique finaliza todas as tarefas propostas por Vênus, ganha de Júpiter uma dose do elixir da imortalidade. Desta forma Psique, uma princesa humana, torna-se uma deusa e vive para sempre ao lado de Eros. Neste sentido, Campbell (2007) diz que a mulher, assim como a Psique, é a própria imagem da deusa a ser encontrada. A mulher que vive o arquétipo do herói, através de suas qualidades “se mostra apropriada para tornar-se consorte de um imortal” (CAMPBELL, 2007, p.119).

Já a figura masculina representa a contraparte da figura feminina, isto é, o espírito, aquilo que é eterno. Nos mitos, estas imagens aparecem sobretudo na forma de um deus que concede a sua misericórdia ao herói que chega ao centro do mundo. Assim, “quando a criança ultrapassa o enlevo cotidiano do seio da mãe e se volta para o mundo da ação adulta especializada, passa, em termos espirituais, à esfera do pai” (CAMPBELL, 2007, p.133). O autor continua:

O problema do herói que vai ao encontro do pai consiste em abrir sua alma além do terror, num grau que o torne pronto a compreender de que forma as repugnantes e insanas tragédias desse vasto e implacável cosmo são completamente validadas na majestade do Ser. O herói transcende a vida, com sua mancha negra e peculiar e, por um momento, ascende a um vislumbre da fonte. Ele contempla a face do pai e compreende. E assim, os dois entram em sintonia. (CAMPBELL, 2007, p.142).

Esta misericórdia a ser concedida é a conciliação do paradoxo “do surgir das formas temporais a partir da eternidade” (CAMPBELL, 2007, p.142). Assim, ocorre o casamento arquetípico que consiste na sintonia e na união entre os aspectos feminino (Anima) e masculino (Animus) formando um único ser. Segundo Campbell (2007), “tanto o masculino como o

feminino devem ser encarados, alternativamente, ora com o tempo, ora com a eternidade” (CAMPBELL, 2007, p.162). Por fim, o autor defende que os deuses e as deusas das mitologias e das religiões são simbólicos e

devem ser entendidos, em consequência, como encarnações e guardiães dos elixir do Ser Imperecível, mas não são, em si mesmos, o Último em seu estado essencial. Assim, o herói busca, por meio do intercurso com eles, não propriamente a eles, mas a sua graça, isto é, o poder de sua substância sustentadora. Essa miraculosa energia-substância, e só ela, é o Imperecível. [...] Seus guardiães só ousam liberá-la para aqueles que verdadeiramente mostraram ser dignos dela. (CAMPBELL, 2007, p.169).

### 2.4.3 Retorno

Tendo conquistado o seu Elixir, a conclusão do monomito demanda que o herói retorne ao mundo cotidiano com os símbolos da sabedoria adquiridos durante a jornada. Estes símbolos são importantes pois eles podem “servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos” (CAMPBELL, 2007, p.195). Conforme o mito, o herói Teseu, quando retornou do labirinto, trouxe consigo a morte do Minotauro e o alívio para todo o povo da Ilha de Creta.

Campbell (2007) apresenta que nos mitos o retorno pode ou não ser voluntário e ocorre de três formas: I) pode ser recusado; II) o herói pode precisar realizar uma fuga mágica, e III) o herói pode ser resgatado por alguém. Apesar do retorno ser necessário, muitos heróis, assim como Peter Pan, “fixaram residência eterna na bendita ilha da sempre jovem Deusa do Ser Imortal” (CAMPBELL, 2007, p.195).

Sobre a alternativa da recusa do chamado, a mitologia oriental conta que Sidarta Gautama, o Buda, ao alcançar o Samadhi, duvidou da possibilidade de comunicar seus símbolos e recusou retornar ao mundo. O próprio deus Brahman o pediu para que retornasse e se tornasse mestre proclamando o Dharma. Já na mitologia grega encontra-se a famosa fuga de Jasão que ao recuperar o Velocino de Ouro, recebeu ajuda de Mídea e passou por uma grande perseguição.

Por último, segundo a mitologia Suméria, a deusa Inana foi resgatada no submundo por sua mensageira Ninshubur, que anteriormente já havia sido instruída a salvá-la. Campbell (2007) destaca que o resgate mostra a força do inconsciente e “a continuidade da operação da

força sobrenatural auxiliar que tem acompanhado o eleito em todo o curso de suas provas” (CAMPBELL, 2007, p. 212).

Ao ultrapassar o limiar do retorno, “o herói tem de penetrar outra vez, trazendo a bênção prometida, na atmosfera há muito esquecida” (CAMPBELL, 2007, p.213). O autor também aponta que o retorno pode ser um momento de crise, pois “como comunicar, a pessoas que insistem na evidência exclusiva dos próprios sentidos, a mensagem do vazio gerador de todas as coisas? (CAMPBELL, 2007, p.215). Neste sentido, o autor continua:

A liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo casual e vice-versa - que não contamina os princípios de uma com outra e, no entanto, permite à mente o conhecimento de de uma delas em virtude do conhecimento da outra - é o talento do mestre. [...] É possível falar apenas de um ponto por vez, mas isso não invalida o que se percebe nos demais. (CAMPBELL, 2007, p.225)

### **3. PAULO FREIRE: UM MITO MODERNO SOBRE O ARQUÉTIPO DO HERÓI**

#### **3.1 Aproximações com o monomito: Paulo Freire e a jornada do herói**

Na década de 1960, no Brasil, Paulo Freire teve destaque a partir do seu trabalho com a educação de jovens e adultos. Sua proposta de educação emancipadora foi alvo de censura dos militares que tomaram o poder: Paulo Freire foi perseguido, preso e exilado. Morou no exterior por 17 anos e retornou ao Brasil em 1979. Viveu toda a sua vida dedicando-a à educação. Hoje, ele é reconhecido mundialmente como um dos maiores educadores do século XX.

Nesta perspectiva, o monomito é uma metáfora que pode ser aplicada na vida de Paulo Freire. O ponto central da aventura de Freire é o conjunto de sua práxis educadora emancipadora. O caráter político de sua vida é nítido e central e esta é, para Campbell (2013), uma característica do herói: “não é a sociedade que deve orientar e salvar o herói criativo; deve ocorrer precisamente o contrário” (CAMPBELL, 2013, p.376).

A partir do movimento realizado pelo herói mitológico de iniciação, separação e retorno, a vida de Freire pode ser dividida da seguinte forma: 1) Separação - da infância ao golpe militar de 1964; 2) Iniciação - período do exílio; 3) Retorno - período de redemocratização e abertura política do Brasil.

Ao analisar a vida do herói humano sob a perspectiva do monomito, é importante destacar que pessoas reais passam, durante a vida, por inúmeras trajetórias que se repetem e se entrelaçam. Assim, ao final da vida, identifica-se uma única aventura. De acordo com Campbell (2013): “toda a vida do herói é apresentada como uma grandiosa sucessão de prodígios, da qual a grande aventura central é o ponto culminante” (CAMPBELL, 2013, p.311).

##### **3.1.1 Separação**

Campbell (2013) apresenta que a vida do herói é simbólica desde o seu nascimento até a sua morte. Por isso, antes mesmo do herói aceitar o chamado da aventura aparecem arautos que comunicam imagens arquetípicas da sua trajetória. Assim, a primeira parte da vida de Freire é cheia de arautos. Em uma entrevista, Freire diz ter sido “ um menino cheio de

anúncios docentes" (FREIRE, 2016, p.370). Neste sentido, os *anúncios docentes* de Freire, assim como os autos, têm a função de comunicar e antecipar algo.

O primeiro *anúncio docente* a ser analisado pode ser justamente o seu nome: Paulo. Cortella (2018) conta que uma das grandes características de Freire era a sua humildade que pode, de certa forma, ser simbolizada pelo seu nome. Isto porque o autor cita que Paulo vem do latim Paulos e significa pequeno, de baixa estatura. Para Cortella (2018), “Paulo Freire conseguia crescer com o outro, em vez de baixar o outro. E ele se sabia pequeno para não crescer artificialmente” (CORTELLA, 2018, p.27).

Outros dois *anúncios docentes* que antecipam a sua jornada com a educação emancipadora são a sua alfabetização em casa à sombra da mangueira e as aulas de sentença da professora Eunice, ainda enquanto morava no Recife. Nestes dois casos, Freire experienciou uma educação que valoriza a subjetividade e a curiosidade do educando. A crise da bolsa de valores de 1929 pode ser considerada um último anúncio: Paulo Freire e sua família mudaram-se para Jaboatão e conheceram a pobreza. Sobre sua infância em Jaboatão, Freire diz:

Quer dizer, desde a tenra infância eu me preparava para me opor às injustiças sociais. Mais tarde, quando jovem, quando homem, quando adulto, comecei a me lançar no esforço político pedagógico e então tudo isso veio à tona. Quero dizer, as memórias de mim mesmo me ajudaram a me entender nas tramas de que eu fiz parte e a descobrir a dimensão política e ideológica disso tudo. [...] Mas se você me pergunta ainda: “Você aproveitou a tragicidade ou a problematidade da sua infância?” Eu diria que sim, e acho que ela, apesar de tudo, foi altamente positiva como apontamento de caminhos, como colocação de dúvidas, de incertezas, e como descoberta de certos valores que me são hoje ainda caros. Em síntese, é isso que eu poderia dizer da infância, da adolescência, o meu gosto pela vida. O meu gosto da vida vem de lá. (FREIRE, 2016, p.338).

Campbell (2013) apresenta que durante toda a sua jornada o herói poderá contar com o auxílio de forças sobrenaturais. Em alguns casos, este auxílio surge na imagem de um ancião ou velho sábio. Para conseguir concluir seus estudos, Paulo Freire recebeu a ajuda de Aluísio Azevedo, diretor da Escola Oswaldo Cruz. Nesta mesma instituição, Freire iniciou seu trabalho como docente. Para Freire, Aluísio e sua esposa agiram como criadores de condições para o seu desenvolvimento, segundo ele: “é evidente que eles não poderiam ter-me fabricado, as pessoas não são fabricadas, mas a dimensão da minha experiência individual tem muito a ver com eles” (FREIRE, 1996, p.32)

Em um mito, “diferentes personagens ou episódios podem ser fundidos (as), assim como um elemento simples pode reduplicar-se e reaparecer sob diferentes formas”

(CAMPBELL, 2007, p.242). Elza, primeira companheira de Paulo Freire, apresenta esta imagem simbólica multifacetada. Em várias fases de suas vidas, ela atuou como os mensageiros míticos que “trazem consigo chaves que abrem portas para o domínio da aventura, a um só tempo desejada e temida” (Campbell, 2007, p.19). Sobre a vida ao lado de Elza, Freire diz:

Casei com 23 anos, e encontrei um dia no mundo Elza, que é a mãe dos filhos meus. E fizemos um bem enorme um ao outro. Um apaixonamento profundo. Vivemos 42 anos juntos. Elza era professora, uma educadora pra mim de um senso, uma sensibilidade prática enorme, com uma capacidade de entender a sua própria prática também, muito sensível no gosto do seu silêncio [...] A minha vida foi com ela, nos 42 anos, uma vida de namorados. Ela me deu um apoio extraordinário, me deu sempre uma força enorme. Eu costumava dizer que Elza me provocava e me desafiava até em seu silêncio. (FREIRE, 2016, p.348).

O trabalho de professor na Escola Oswaldo Cruz foi o *chamado de aventura*. Freire o aceitou, porém, enquanto lecionava na escola, graduava-se em direito na Universidade do Recife. Muitos heróis mitológicos recusam o chamado da aventura, mas não foi o que aconteceu com Freire: “enquanto cursava a faculdade, seguia inclinado para a carreira de professor, a profissão que o atraía desde os tempos em que ajudava os amigos nos deveres escolares em Jaboatão” (HADDAD, 2019, p.32).

No entanto, um divisor de águas na vida de Paulo e Elza Freire foi o trabalho no Sesi-Pernambuco. Em 1943, Freire deixou a profissão de advogado e firmou o primeiro contato com o que veio a ser a *Pedagogia do Oprimido*. Sobre a experiência no Sesi, Freire diz: “se bem ela sozinha não explique a Pedagogia do Oprimido, sem ela, porém, eu não posso explicar. Esta passagem foi e é um dado fundamental que me explica como educador progressista hoje” (FREIRE, 2016, p.375).

Em 1963, enquanto professor da Universidade do Recife, Freire realizou a sua primeira atividade reconhecida como heróica pela sociedade: Paulo Freire, juntamente com sua equipe de extensionistas e professores, alfabetizou 300 trabalhadores em apenas 40 horas na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, com o seu método emancipador de educação.

O evento teve uma dimensão política tão grande que seu encerramento contou com a presença do então Presidente da República João Goulart e do Marechal Castello Branco, representando as forças armadas. Dada a repercussão de Angicos, o Ministro da Educação Paulo de Tarso convidou Freire para elaborar o Programa Nacional de Alfabetização. Sobre a importância do Programa Nacional de Alfabetização para aquele tempo histórico, Haddad (2019) diz:

O Programa Nacional de Alfabetização tinha como meta alfabetizar 5 milhões de pessoas. Os alunos não só aprenderiam a ler e a escrever, mas também ganhariam o direito de votar, ampliando o colégio eleitoral em quase 40%. Se atingidos os seus objetivos, o PNA democratizaria o cenário das eleições futuras ao incorporar pelo voto uma grande massa dos setores populares [...] Com a perspectiva da perda de privilégios naturalizados, os setores mais conservadores, com apoio dos militares, veriam no PNA e em Paulo Freire, uma ameaça a ser combatida. (HADDAD, 2019, p.75)

Com o golpe militar de 1964, o PNA foi instinto. Paulo Freire e muitos outros políticos influentes foram perseguidos, presos e exilados. Assim como todos os heróis mitológicos, Paulo Freire, o herói humano, viveu em um mundo conhecido marcado pela polaridade. No caso do Brasil de 1964, a tensão política foi tão profunda que o poder foi tomado por tiranos que viam Paulo Freire como uma ameaça.

Segundo Campbell (2007), para realizar a aventura, o herói precisa passar pelo limiar que separa o mundo conhecido do mundo desconhecido. A prisão e o exílio representam para Freire o ventre da baleia e o mundo desconhecido onde permaneceu por 17 anos até a reabertura política do Brasil. Campbell (2007) destaca que esta é uma experiência de profunda transformação para o herói: “a passagem do limiar constitui uma forma de auto-aniquilação” (CAMPBELL, 2007, p.92).

Para exemplificar que o herói do monomito vive a vida de forma dignamente humana, Campbell (2007) narra o mito do Príncipe cinco armas que, após enfrentar de forma destemida um ogro, ouviu este dizer: “eis um leão humano, um homem nobre de berço - não é um simples! Pois, embora tenha sido aprisionado por um ogro como eu, ele não demonstra tremer ou estremecer” (CAMPBELL, 2007, p.89).

O herói “é aquele que participa corajosa e decentemente da vida, no rumo da natureza e não em função do rancor, da frustração e da vingança pessoais (CAMPBELL, 2019, p.69). E foi assim que Paulo Freire viveu a prisão e o exílio. Durante o exílio no Chile, Paulo Freire escreveu em uma carta: “ontem no cárcere, hoje no exílio, venho sendo, graças a deus, o mesmo homem esperançoso e sem amarguras. O mesmo homem que crê no homem, dentro do tempo, refazendo o mundo para transcendê-lo” (FREIRE, 2016, p.264). Freire continua:

No exílio, venho descobrindo que ele não é apenas um doloroso desenraizamento, um estar-se fora do seu mundo, sem opção de retorno. É também uma porta que se abre, uma oportunidade a mais para o “amor geral”. [...] Não vivo a saudade como um refúgio doentio e piegas do que foi. Eu encaro-a como um instrumento afetivo de pesquisa - como um reencontro com o ontem e um adentramento do amanhã. (FREIRE, 2016, p.264).

### 3.1.2 Iniciação

O período do exílio foi longo: Freire e sua família ficaram 17 anos impedidos de retornar ao Brasil. O exílio foi uma experiência tão profunda que, de acordo com Nita, Freire costumava dizer passou por 3 exílios durante a vida: o primeiro foi o seu nascimento, o segundo foi a mudança de Recife para Jaboatão e o último exílio foi a ditadura civil-militar no Brasil (FREIRE, 2000, p.20).

Campbell (2007) afirma que o reconhecimento dos nascimentos e das mortes do ego é uma tarefa heróica. O herói é aquele que sabe que nasce e sabe que morre: “tal como a fumaça em elevação de uma oferenda, que atravessa a porta do sol, assim vai o herói, libertado do ego, pelas paredes do mundo” (CAMPBELL, 2007, p.91). De acordo com Kohan (2019), “em decorrência de suas condições de trabalho, Freire precisou traduzir a si próprio, expressar e comunicar em línguas estrangeiras suas ideias a respeito da emancipação” (KOHAN, 2019, p.95).

O herói é capaz de conciliar os opostos. No monomito, o herói mitológico encontra com a deusa e vai ao encontro da sintonia com o pai. Desta forma, ele compreende a vida além do terror que lhe é apresentado. Paulo Freire conciliou sua fé cristã com o materialismo dialético. Neste sentido, Kohan (2019) defende que “Paulo Freire se apoia no materialismo dialético para sustentar sua vida educadora, que almeja realizar os ideais cristãos na Terra” (KOHAN, 2019, p.77). Em uma entrevista, Freire disse:

Quando muito moço, muito jovem, eu fui aos mangues de Recife, aos córregos de Recife, às zonas rurais de Pernambuco, trabalhar com os camponeses, com as camponesas, com os favelados, eu confesso, sem nenhuma choramingas, eu confesso que fui até lá movido por uma certa lealdade ao Cristo de quem eu era, mais ou menos, camarada. Mas o que acontece é que, quando chego lá, a realidade dura do favelado, a realidade dura do camponês, a negação do seu ser como gente, a tendência àquela adaptação (de que a gente falou antes), àquele estado quase inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx. Eu sempre digo: não foram os camponeses que disseram a mim: “Paulo, tu já leste Marx?” Não, eles não liam nem jornal. Foi a realidade deles que me remeteu a Marx. E eu fui a Marx. E aí é que os jornalistas europeus nos anos setenta não entenderam minha afirmação. É que quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então, as leituras que eu fiz de Marx, alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das favelas [...] Eu fiquei com Marx na mundanidade, à procura de Cristo na transcendentalidade (KOHAN, 2019, p.77)

O herói do monomito precisa trazer um elixir para a Terra. Para Paulo Freire, este período inicia-se no Chile, país que marca o começo da sua produção intelectual. As experiências do Sesi e de Angicos foram ampliadas para o trabalho com educação de

operários chilenos e originaram também seu primeiro livro, *Educação como Prática de Liberdade*. Com este livro, Freire rapidamente tornou-se conhecido em países do exterior e os convites para participar de eventos acadêmicos começaram a surgir.

Em 1969, Freire mudou-se para os Estados Unidos como professor convidado da Universidade de Harvard e publicou seu segundo livro, a *Pedagogia do Oprimido*. Em 1970, Freire mudou-se para Suíça a convite do CMI - Conselho Mundial de Igrejas. Com suas atividades no CMI - Conselho Mundial de Igrejas e no Idac - Instituto de ação cultural Freire realizou mais de 150 viagens a pedidos de universidades e outros movimentos progressistas para dialogar a respeito de práticas educativas emancipadoras.

### **3.1.3 Retorno**

Paulo Freire retornou para o Brasil em 1979 no período de redemocratização. A sua vida no país, desde então, foi marcada de um lado pela admiração daqueles que reconheceram o ouro da sua jornada heróica e, por outro, pelo ódio daqueles que o consideram como um inimigo. Isto porque, “do ponto de vista do caminho das obrigações, todos os que se encontram exilados da comunidade são um zero à esquerda. Do outro ponto de vista todavia, o exílio é o primeiro passo da busca” (CAMPBELL, 2007, p.370). Neste sentido, Campbell (2007) afirma que nem sempre a sociedade reconhece os feitos heróicos e, assim, o herói “poderá deparar-se com uma tal incompreensão e desconsideração por parte daqueles a quem foi auxiliar. (Campbell, 2007, p. 41).

### **3.2 A presença de Paulo Freire**

Em 2021 comemora-se o centenário de Paulo Freire, educador pernambucano que nasceu em 19 de setembro de 1921. Freire é um dos maiores educadores do século XX, sendo reconhecido no Brasil e - ainda mais - no mundo. Marcou presença em todos os países nos quais esteve em seus tempos de exílio. Recebeu, até 2019, cerca de 48 títulos de Doutor Honoris Causa em universidades brasileiras e estrangeiras.

Dentre os seus prêmios, está o Prêmio de Educação pela Paz da UNESCO, de 1986. A Escola Municipal Paulo Freire, em Niterói, e o Centro de Educação Paulo Freire, em Huelva, na Espanha, são alguns dos exemplos das muitas escolas, institutos e bibliotecas que herdaram o seu nome. Em uma praça da Suécia há uma estátua que homenageia

personalidades que lutaram pelos direitos humanos, nela, Paulo Freire está ao lado de nomes como Angela Davis e Pablo Neruda.

Entre Cortella (2018), Haddad (2019) e Kohan (2019) é consenso que Paulo Freire é uma figura capaz de despertar e polarizar opiniões políticas. Segundo Cortella, “Paulo Freire, não é, ainda bem, uma unanimidade” (Cortella, 2018, p.28). E esta nítida divisão de opiniões é esperada porque Paulo Freire sempre se posicionou politicamente a favor dos “esfarrapados do mundo” - tanto que é a eles dedicado o livro a *Pedagogia do Oprimido*. Em uma sociedade de classes e injusta, tal posicionamento alfineta e incomoda intensamente a uma elite conservadora que não quer abrir mão do poder.

No ano de 2012, com a Lei nº12612, por iniciativa da deputada federal Luiza Erundina, Paulo Freire foi declarado Patrono da Educação Brasileira. Toda a tensão política acerca do governo de Dilma Rousseff fez ressurgir de forma gritante uma massiva manifestação contra Paulo Freire. Entre os cartazes encontrados nas ruas em 2013 e, depois, em 2016, era possível ler: “Chega de doutrinação marxista, basta de Paulo Freire”.

As primeiras críticas públicas contra Paulo Freire foram feitas em 1964 pelos militares que articularam o golpe contra a democracia. Foi dito que Freire possuía um possível envolvimento com o comunismo e que o material didático desenvolvido por ele e sua equipe eram contra os interesses da nação. Ao ler que o consideravam um “lavador de cérebros”, Paulo Freire respondeu “que a leitura dessas críticas lhe serviria para fazer um verdadeiro curso de como se pode, por ignorância, má fé, ou outras coisas quaisquer, distorcer o pensamento dos homens” (HADDAD, 2019, p.19).

Haddad (2019) aponta justamente a necessidade de se avaliar se há uma sobriedade nas críticas direcionadas contra Paulo Freire. Pois, o que se percebe, é que o educador pernambucano que se dedicou na luta por uma educação emancipatória sempre foi alvo de um discurso de ódio proferido por uma elite que não apresenta nenhum tipo de fundamentação.

Paulo Freire sabia que a neutralidade não é possível e que o ato de posicionar-se a favor de um é, necessariamente, colocar-se em oposição ao outro. Porém, o próprio pensamento de Freire abre espaços para que todos possam posicionar-se criticamente. Paulo Freire não era contra que houvesse qualquer posicionamento contra ele; ele era contra, sim, que as pessoas não pudessem se posicionar, ele sempre se colocou firme contra o autoritarismo e o totalitarismo.

Sobre a atualidade de Freire, Cortella (2018) relata perceber, entre os seus admiradores, uma certa recusa coletiva em referir-se ao seu nome acompanhado por verbos colocados em tempos do passado. Segundo ele, é comum ouvir, falar e ler frases do tipo “Paulo Freire é”, “Paulo Freire está” e “Paulo Freire faz” assim mesmo como estão, com o tempo verbal no presente.

Em 2007, quando foi questionado sobre sua posição a respeito dos 10 anos sem Paulo Freire, Cortella respondeu: “não há e não haverá nenhum ano sem Paulo Freire na medida em que a obra, a atividade, o trabalho, o resultado está conosco” (CORTELLA, 2018, p.21). Paulo Freire se faz presente e atual porque sua obra tem, ainda hoje, a capacidade de dialogar com seus leitores, seus respectivos tempos históricos e seus diferentes contextos sociais.

Como exemplo, temos a *Pedagogia do Oprimido*. O livro foi traduzido para mais de 20 idiomas, dentre eles o inglês, o alemão, o japonês e o ucraniano. De acordo com Kohan (2019) e Haddad (2019), uma pesquisa realizada por Elliot Green mostra que *A Pedagogia do Oprimido* é, no mundo, o livro mais citado na área da educação; na área das ciências sociais o livro ocupa o terceiro lugar. E, a título de curiosidade, as edições de castelhano e inglês têm mais citações do que as edições em português.

Em uma síntese, António Nóvoa (1998) apresenta a presença de Paulo Freire no mundo contemporâneo. Segundo ele, “a vida e a obra de Freire estão inscritas no imaginário pedagógico do século XX, constituindo uma referência obrigatória para várias gerações” (NÓVOA, 1998, p.185 apud Kohan, 2019, p.17).

Kohan (2019) conclui que mais do que um método, um posicionamento político, o desenvolvimento de livros ou a sua forma de compreender a educação, a maior contribuição de Paulo Freire para a educação foi a sua vida, o seu modo de “ocupar o seu espaço de educador” (KOHAN, 2019, p.15). Segundo ele:

Suas contribuições não se limitam a uma obra escrita, muito menos a um método, sequer a um paradigma teórico, mas dizem respeito também a uma prática e, de modo mais geral, a uma vida dedicada à educação, uma vida feita escola, uma escola de vida, ou seja, uma maneira de ocupar o espaço de educador que o levou de viagem pelo mundo inteiro fazendo escola, educando em países da América Latina, nos Estados Unidos, na Europa, na África de língua inglesa, na Ásia e na Oceania. (KOHAN, 2019, p.15)

Para o autor, Paulo Freire se tornou “um ícone, um mito, um símbolo que extrapola, e muito, o Brasil” (KOHAN, 2019, p.17). E é neste sentido que seu legado continua presente na

vida dos educadores e de outros sujeitos sociais que se inspiram nele; é neste sentido que sua obra, mesmo 30, 40, 50 anos depois de ter sido escrita, continua sendo relevante para os mais diversos contextos sociais; é neste sentido que a experiência de Angicos e a educação emancipatória dos filhos da classe trabalhadora provocam discursos de ódio. Porque Paulo Freire está presente, como disse Nóvoa (1998), no nosso imaginário.

### **3.3 Paulo Freire: uma vida educadora que inspira outras vidas educadoras?**

Ao caracterizar o mito como metafórico, Campbell (2019) e (2002) destaca que as metáforas são melhor comunicadas quando estão de acordo com o tempo e com o espaço do sujeito da experiência. Porém, sobre a modernidade, o autor aponta que “coisas estão mudando rápido demais para serem mitologizadas” (CAMPBELL, 2019, p.32). Em contrapartida, Campbell (2019) conta que herói que vive o monomito torna-se um “modelo para a vida dos outros, a pessoa se move para uma esfera tal qual se torna possível de ser mitologizada” (CAMPBELL, 2019, p.16). O autor acrescenta:

Em consequência, [o herói] agora é competente para representar, por sua vez, o papel do iniciador, do guia, da porta do sol pela qual devemos passar, das ilusões infantis do “bem” e do “mal”, para uma experiência da majestade da lei cósmica, purgada da esperança e do temor, e em paz na compreensão e na revelação do ser. (CAMPBELL, 2007, p.133)

Com base no último curso de Foucault ministrado no College de France, intitulado A coragem da verdade, Kohan (2019) argumenta que Paulo Freire assumiu sua vida como um problema filosófico. Neste sentido, ao comparar a vida de Freire com a vida de Sócrates, Kohan (2019) afirma que “Freire se inscreve nessa tradição de uma vida filosoficamente educadora, política, ética e heróica” (KOHAN, 2019, p.73). O autor continua:

O herói da filosofia educa com o seu próprio exemplo, com a sua vida. Podemos dizer que o valor ético desse tipo de vida se projeta como um valor educacional. E não se trata de uma característica acessória, e sim principal: sem essa projeção educativa, essa vida não é nada, perde todo o sentido. A vida é vivida de tal forma que inspira outras vidas. Mais ainda: ela só pode ser vivida se inspira outras vidas. (KOHAN, 2019, p.71).

Pode ser dito que o herói, ao seguir o Fio de Ariadne e alinhar a sua consciência individual com a vontade universal, torna-se o próprio símbolo: “poderoso pelo seu saber, calmo e liberto na ação, convencido de que de suas mãos fluirá a graça de Viracocha, o herói configura-se como veículo consciente da terrível e majestosa Lei, seja o seu trabalho o de açougueiro, jóquei ou rei” (CAMPBELL, 2007, p.232).

O herói, como símbolo, é necessário para a renovação da sociedade porque a sua “benção trazida das profundezas transcendentais torna-se racionalizada, rapidamente, em não existência, e aumenta em muito a necessidade de outro herói para renovar a palavra” (Campbell, 2007, p.215). Para Kohan (2019) esta é justamente a ação da educação emancipadora de Freire pois ela “toca e afeta politicamente a vida - aumenta a potência de viver dos que dela participam a partir do exercício de pôr em questão, com outros e outras, o sentido da própria vida” (KOHAN, 2019, p.59).

Gadotti e Canoy (2018) afirmam que o grande impacto da Pedagogia do Oprimido se dá pelo fato de Paulo Freire dialogar com os mais diversos públicos em diferentes contextos. De acordo com o autor, a Pedagogia do Oprimido “expressava o que muita gente já tinha em mente em seus sonhos e utopias, um mundo de iguais e diferentes, com justiça social, amorosidade, solidariedade” (GADOTTI e CARNOY, 2018, p.13).

O autor também aponta que “a educação, no mundo, passa por uma crise, associada à crise civilizatória atual, e Paulo Freire pode ser uma importante referência para o surgimento de novas políticas públicas de educação” (GADOTTI e CARNOY, 2018, p.11). Para que Paulo Freire, enquanto símbolo, continue presente em nosso tempo é necessário, como disse Gadotti e Carnoy (2018), reinventá-lo:

Dar continuidade a Freire não é repeti-lo, mas reinventá-lo. Como ele afirmou certa vez, “a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que faz é exatamente refazer-me, quer dizer, não me seguir. Para seguir-me, o fundamental é não me seguir” (FREIRE & FAUNDEZ, 1985: 41). (GADOTTI e CARNOY, 2018, p.11).

Assim, para Gadotti e Carnoy (2018), o grande desafio atual dos educadores é o enfrentamento ao pensamento neoliberal que “concebe a educação como uma mercadoria , reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação,” (GADOTTI e CARNOY, 2018, p.13).

Em oposição, a educação emancipadora de Paulo Freire “aposta no poder de uma educação problematizadora ou filosófica, não apenas para mudar as formas de pensamento, mas, sobretudo, as formas de vida imperantes (KOHAN, 2019, p.63). Assim, a pedagogia de Freire pode contribuir para novos mitos, pois “ o único mito que valerá a pena cogitar, no futuro imediato, é o que fala do planeta, não da cidade, não deste ou daquele povo, mas do planeta e de todas as pessoas que estão nele” (CAMPBELL, 2019, p.33). Sobre a educação emancipadora de Freire e o capitalismo, Kohan (2019) diz:

Lembremos o final da Pedagogia do Oprimido, suas últimas linhas: “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, espero que permaneça: a nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”. Prestemos atenção: a fé e a confiança na criação de um mundo em que seja menos difícil amar. Eis a paixão vital, irrenunciável, o sentido mais profundo da Pedagogia do Oprimido e de toda a obra e a vida de Paulo Freire. Seu credo pedagógico mais íntimo, seu método, sua teoria, sua filosofia, sua vida: a crença na possibilidade de, através da educação, criar um mundo em que seja menos difícil amar. E eis também a sua força política inegociável, irrenunciável: o capitalismo é inaceitável por muitas razões; a principal delas é, talvez, a forma como torna impossível amar de verdade. (KOHAN, 2019, p.128)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desta monografia me permitiu conhecer, sob o conceito mitológico de Joseph Campbell, a vida de Paulo Freire que é, sem dúvidas, um dos educadores que mais admiro. Pesquisar as histórias de vida desta grande personalidade proporcionou, também, um encontro especial com toda a minha trajetória acadêmica. Este trabalho agiu como um diálogo de elaboração e construção simbólica da minha própria trajetória.

A partir dos estudos do herói mitológico de Joseph Campbell, foi possível conhecer como Paulo Freire, o herói humano, viveu as mais diversas questões de sua vida: como enfrentou seus problemas, como foi capaz de encontrar e explorar seus talentos e como conseguiu orientar a sua vida. Conhecer aspectos de uma vida heróica faz com que coloquemos em perspectivas novas da nossa própria vida.

Isto porque Campbell nos ensina que o ponto central das experiências de desafios humanos são universais e atemporais, e o herói é aquele que viveu a vida de forma humana. Sendo assim, Paulo Freire, o herói da educação, pode contribuir para a vida de outros educadores.

Paulo Freire, em suas obras, fala sobre autonomia, liberdade, esperança, curiosidade, tolerância, etc, como questões essenciais a todos os educadores. O pensamento e a vida de Paulo Freire são importantes ainda, e sobretudo, no presente, tendo em vista que sua obra continua a atravessar o nosso cotidiano.

A escrita desta monografia não foi simples, em determinados momentos foi até mesmo exaustiva. A começar com a leitura do livro *O Herói de Mil Faces*, o único livro em que Campbell explora as etapas da jornada do herói. E apesar da didática ser uma característica da maioria de seus livros, em *O Herói de Mil Faces* o autor não apresenta os conceitos de forma muito clara. Neste sentido, para melhor compreendê-lo, busquei leituras no campo da teoria Junguiana. A experiência de pesquisar um campo de intercessão entre a filosofia e a psicologia foi enriquecedora.

Entre todos os símbolos pesquisados nesta monografia, Paulo Freire pode ser compreendido como de grande importância para nós, educadores e educadores latinoamericanos.

Neste sentido, é possível fazer uma aproximação entre os pensamentos de Joseph Campbell e Paulo Freire. Em suas obras Campbell defendeu que a vida é simbólica e que é preciso saber lê-la. Ademais, aqueles que sabem ler os símbolos da vida, vivem-na como uma experiência mais intensa, mais humana.

Já Paulo Freire defende que a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, sendo este um processo atravessado por observações, sentimentos e emoções. Freire defende que a leitura do mundo é um diálogo, uma forma de dizer de si e dizer do mundo. O educador compreende também a dimensão política da leitura: a palavra transforma o mundo, e aqui está a beleza humana. Sua práxis pedagógica considera a educação como um processo de consciência de si e do mundo, no qual tornamo-nos sujeitos das histórias e não apenas objetos sociais.

Por fim, desejo que este trabalho contribua para que educadores encontrem em Paulo Freire uma imagem simbólica capaz de falar às nossas dimensões mais profundas. É como se Paulo Freire, como símbolo e com aquele seu sotaque cheio de amor, nos dissesse: “repare como a vida educadora é bela”. Desejo também que esta pesquisa possa contribuir para outros trabalhos no campo da educação, do imaginário e da mitologia.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire: educar para transformar. Mercado Cultural, Fundação Banco do Brasil, IPF - Instituto Paulo Freire, Petrobras (Orgs). Coleção Projeto Memória, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ipf/20130619042331/Freire.pdf>
- CAMPBELL, Joseph. Isto és tu: redimensionando a metáfora religiosa. São Paulo : Landy, 2002. Disponível em: <https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-isto-es-tu.pdf>
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces / Joseph Campbell ; 14ªed. São Paulo : Pensamento, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito / Joseph Calpbell com Bill Moyers; org. Betty Sue Flowers - 33ªed. São Paulo : Palas Athena, 2019.
- CORTELLA, Mário Sérgio. Paulo Freire: utopias e esperanças. In: GADOTTI, Moacyr; Carnoy, Martin (Orgs). Reinventando Paulo Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire; Lamann Center, Stanford Graduate School of Education, 2018.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacyr. Paulo Freire: Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez, 1996. Disponível em: [http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF\\_PTPF\\_12\\_069.pdf](http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf)
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo : UNESP, 2000. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Pedagogia-da-indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- FREIRE, Paulo, 1921 - 1997. Pedagogia da Tolerância / Paulo Freire; organização, apresentação e notas Ana Maria Araújo Freire - 5ª ed. - São Paulo : editora Paz e Terra, 2016.
- JAFFE, Aniela. O mito do significado na obra de C. G. Jung. São Paulo : Editora Cultrix, 1996.
- JUNG, Carl G. Chegando ao inconsciente. In: O homem e seus símbolos / Carl G. Jun [et al] ; [concepção e organização Carl G. Jung] ; 3.edespecial. - Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.
- GADOTTI, Moacyr; CARNOY, Martin. Redescobrir Freire, Reinventar a educação. In: GADOTTI, Moacyr; Carnoy, Martin (Orgs). Reinventando Paulo Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire; Lamann Center, Stanford Graduate School of Education, 2018.
- HADDAD, Sérgio. O educador: Um perfil de Paulo Freire. São Paulo : Todavia, 1ª ed., 2019.
- KOHAN, Walter. Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica - 1. ed. - Belo Horizonte : Vestígio, 2019.
- VON FRANZ, M.- L. O processo de individuação. O homem e seus símbolos / Carl G. Jun [et al] ; [concepção e organização Carl G. Jung] ; 3.edespecial. - Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.